

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

JOSIEL DOS SANTOS

**OS GUARANI NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA**

CRICIÚMA

2013

JOSIEL DOS SANTOS

**OS GUARANI NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Me. Juliano Bitencourt Campos

Orientador: Prof. Me. Marcos César Pereira Santos

CRICIÚMA

2013

JOSIEL DOS SANTOS

**OS GUARANI NO EXTREMO SUL CATARINENSE:
ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em História Local e Regional.

Criciúma, 27 de Novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Juliano Bitencourt Campos - Mestre - UNESC - Orientador

Prof. Rafael Guedes Milheira - Doutor - UFPel

Prof. João Alberto Ramos Batanolli - Mestre - UNESC

Aos meus pais, Bento e Elvira, em tudo!

À Ingrid, sempre!

AGRADECIMENTOS

Aproveito este momento para agradecer alguns raros que me acompanharam na construção deste trabalho, no percurso do curso de História e neste trecho de um caminho de descobertas de volta pra casa:

Primeiramente e acima de tudo, devo gratidão eterna em cada passo e em todos os momentos aos meus pais, Bento e Elvira, pelo modo como enfrentaram (e enfrentam) a vida, pelo apoio incondicional e por me prepararem para o mundo;

Ao Nei (Mano Brou!) e a Néia (Minha Flor de Formosura!), por serem mais que irmãos, por serem amigos que suportaram a arrogância da Síndrome de Ensino Superior;

À vó Custódia e à tia Maria, por literalmente me darem abrigo;

À Lisiane, pelo carinho imensurável e por estar sempre próxima quando tudo ao redor fica insuportavelmente chato;

Ao Edenir, pela companhia em diversas situações e por aguentar meus choramingos e minhas impertinências em vários momentos (zé, eu te amo, cara!);

À Ingrid, pessoa fantástica que fez esse mundo tão complicado ser diferente e mais suportável só por ter aparecido. Pelo estágio, pelos cafezinhos, pelas cervejas, pelas trocas literárias, enfim... (Eu te amo, Irmãzinha!);

Ao Richard, amigo e irmão, pelos papos de desabafo, pelas conversas de bar e pelas ideias sempre em construção;

Ao Gilvani, pelas discussões teóricas e filosóficas sempre inconcluídas e pelo humor raro e refinado;

Ao Valdemir e ao Diego Souza, colegas de curso e amigos pra vida.

Sou grato ainda ao Juliano Bitencourt Campos, pela orientação, pela confiança e pelas oportunidades concedidas;

Ao Marcos César, pela orientação e pelas dicas fundamentais;

Ao Ariel e ao Guisso pelo auxílio com a “parte cartográfica”;

Ao Juliano Costa pelas dicas da “parte da formatação” e por surgir do nada com umas bibliografias importantes;

Ao Claudio também pelas bibliografias;

Ao professor Carlos Renato Carola pela provocação inicial e pelas primeiras dicas.

Ao pessoal do Setor de Arqueologia da UNESC pelo aprendizado do dia-a-dia.

“A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que toca pode e deve informar sobre ele.”

Marc Bloch

“O que aconteceu ainda está por vir...”

Índios, Legião Urbana

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer um levantamento a respeito das informações arqueológicas e etnohistóricas sobre a ocupação Guarani no extremo sul catarinense, inserida dentro da área focada pelo grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território. Assim, buscou-se dar visibilidade à presença desta etnia na região bem como aspectos de sua dinâmica social, como forma de contribuir para a construção do conhecimento histórico regional.

Palavras-chave: História Indígena. Etnohistória. Arqueologia. Guarani. Extremo sul catarinense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa representando a rota migratória Guarani (em pontilhado).....	21
Figura 2: Tratamentos de superfície de fragmentos de Cerâmica Guarani do sítio arqueológico Lagoa Mãe Luzia. Em sentido horário: corrugado, ungulado, pintado e liso.....	29
Figura 3: Prancha com morfo-tipologia da cerâmica Guarani.	32
Figura 4: Distribuição dos sítios Guarani no extremo sul catarinense.....	42
Figura 5: Mapa com cronologia de sítios Guarani ao longo do litoral sul brasileiro.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista dos sítios Guarani identificados no extremo sul catarinense.....	40
Tabela 2: Datações obtidas para sítios Guarani na área pesquisada.....	48
Tabela 3: Cronologia dos sítios Guarani pesquisados por Milheira, 2010 no município de Jaguaruna.	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sítios arqueológicos Guarani identificados entre as bacias dos rios Urussanga e Mampituba, divididos por município.	41
Gráfico 2: Tratamento superficial externo dos fragmentos cerâmicos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).44	44
Gráfico 3: Antiplástico identificado nos fragmentos cerâmicos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).46	46
Gráfico 4: Morfologia cerâmica reconstituída a partir dos fragmentos de bordas oriundos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 HISTÓRIA INDÍGENA: O PERCALÇO DAS FONTES DOCUMENTAIS	14
2.1 A EMERGÊNCIA DAS NOVAS FONTES	14
2.2 ETNOHISTÓRIA	15
2.3 HISTÓRIA DA CULTURA MATERIAL	17
3 OS GUARANI.....	20
3.1 CERÂMICA GUARANI.....	28
4 OS GUARANI NO EXTREMO SUL CATARINENSE	33
4.1 ETNOHISTÓRIA	33
4.1.1 “A Missão dos Carijós”	34
4.2 ARQUEOLOGIA	38
4.2.1 Número e distribuição dos sítios arqueológicos	39
4.2.2 Características dos Assentamentos	43
4.2.3 Cultura Material.....	43
4.2.3.1 Tratamento de superfície	44
4.2.3.2 Antiplástico.....	45
4.2.3.3 Morfologia	46
4.2.4 Cronologia	47
4.2.4.1 Cronologia Regional.....	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

No século XVI, ao aportarem no litoral da terra que viriam denominar Brasil, os europeus, notadamente os portugueses, se depararam com uma humanidade até aquele momento distante do universo intelectual e cognitivo do Velho Mundo. Como resultado da necessidade humana de nomear tudo ao seu redor para incorporar ao seu modo de vida e adquirir significado, o europeu buscou classificar estes novos “seres”, e, dando início à um equívoco histórico e semântico, denominou-os “índios”. Desta forma, abarcou-se sob um termo genérico uma miríade de povos e sociedades de ancestralidades e expressões culturais distintas, com diferentes formas de ver e estar no mundo.

Ora, as centenas de grupos que viviam nestas terras foram, ao longo dos cinco séculos de colonização (e continuam sendo), dizimados, expulsos e negligenciados da vida social, cultural e política da nação que se forjou. Isto não se dando apenas no âmbito físico e biológico, mas também intelectual, através da negação ou do negligenciamento de suas expressões culturais e da historicidade de suas organizações sociais¹. Portanto, escrever sobre história indígena é sobretudo dar caráter de agente histórico aos vários grupos que povoaram o continente e desenvolveram distintas maneiras de viver em sociedade, se apropriando de diferentes formas dos diversos ambientes dos quais se inseriam. É buscar na obscuridade da História do Brasil especificidades e características que, mesmo hoje estando intrínsecas ao comportamento e ao modo de se adaptar nos trópicos que o brasileiro herdou², muitas vezes não são reconhecidos como, ou até mesmo desconhecidos de grande parte da comunidade nacional.

Dentro deste complexo cultural que já existia em solo americano há milhares de anos, um dos grupos de maior expansão demográfica, que já em 1500 abarcava uma extensa malha territorial da América Meridional, era o Guarani, povo indígena associado ao tronco linguístico Tupi e à família linguística Tupi-Guarani. Os membros deste grupo ocupavam uma área territorial que se estendia desde a região amazônica até o sul do atual território brasileiro³.

Nesse processo de ocupação do território, os Guarani chegaram até a região do extremo sul catarinense, estabelecendo nesse local seu modo de vida, até serem contatados

¹ CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução à uma História Indígena. In: _____. **História dos Índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-24.

² RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

³ MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

pelo colonizador europeu.

Procura-se, neste trabalho, fazer um levantamento das informações disponíveis a respeito de sua presença nesta região específica, utilizando como fontes a sua cultura material identificada na paisagem, dados estes buscados no contato com a arqueologia, e uma carta missionária escrita pelo jesuíta Jerónimo Rodrigues, na qual pode-se observar aspectos da cultura e do cotidiano dos Guarani com os quais este religioso entrou em contato. Tendo em vista o caráter deste tipo de abordagem histórica, percebeu-se que a problemática das fontes se fez presente desde o início da pesquisa.

Assim, já no primeiro capítulo uma breve discussão à respeito da ampliação das fontes históricas e de sua utilização no processo de construção do conhecimento histórico foi realizada. Foi tratado, deste modo, do surgimento e da aplicação da etnohistória para a compreensão do passado, utilizando as discussões sobre os usos e significados do conceito de etnohistória e sua relação com a história indígena, realizadas por Cavalcante⁴. Por fazer parte de uma pesquisa que buscou contrapor a etnohistória aos registros arqueológicos da região centro norte do litoral catarinense, buscou-se subsídios, também, no histórico e nas discussões sobre a etnohistória empreendidas por Bandeira⁵ em sua tese de doutorado. Sobre a história da cultura material, foram utilizadas as reflexões e possibilidades colocadas por Pesez⁶ e Barros⁷, que apontam a emergência desta categoria documental como um campo de possibilidades a ser explorado pelo historiador, com potencial para transformar as evidências materiais em testemunhos históricos dos sujeitos que as produziram.

No segundo capítulo objetivou-se fazer uma revisão bibliográfica do conhecimento produzido sobre a história e a cultura Guarani, mais especificamente no sul do Brasil. Mesmo tendo conhecimento da extensa gama de publicações sobre a temática, optou-se por escolher um número limitado de textos que dessem subsídios importantes para o entendimento do modo de vida deste grupo social. Preferiu-se centrar a atenção em informações sobre seu modo de ocupação territorial e a forma como se dava sua interação com o meio, para assim poder-se realizar uma comparação com as informações e os dados disponíveis para a área aqui focada.

No terceiro capítulo abordou-se especificamente a ocupação Guarani no extremo

⁴ CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e História Indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História** (São Paulo), v. 30, n. 1, p. 349-371, jan/jun 2011.

⁵ BANDEIRA, Dione da Rocha. **Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC – arqueologia e etnicidade**. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

⁶ PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

⁷ BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, p. 17 -35, dez. 2004.

sul catarinense. Observa-se, desde já, que a escolha por este recorte geográfico se dá pela inserção deste trabalho na problemática de estudo do projeto de pesquisa “Arqueologia Entre Rios: Do Urussanga ao Mampituba”, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão Integrada do Território, da Universidade do Extremo Sul Catarinense. A área focada por este grupo encontra-se localizada entre a foz dos rios Urussanga e Mampituba e entre o Oceano Atlântico e os Aparados da Serra, cobrindo uma poligonal de 4800 km² (80 x 60 km) de extensão⁸. Será observada a distribuição dos registros arqueológicos associados aos grupos Guarani ao longo da região do Entre Rios, atentando para aspectos tais como o número de sítios localizados até o momento, sua distribuição e inserção no contexto geográfico e o conteúdo e a tipologia da cerâmica (principal elemento de sua cultura material preservado nos registros arqueológicos) oriunda das escavações realizadas até o momento. Estes dados foram buscados na bibliografia disponível que trataram, de forma direta ou indireta, dos sítios Guarani; no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA/IPHAN; e em relatórios dos trabalhos de arqueologia preventiva realizados pelo Setor de Arqueologia da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Partindo da perspectiva segundo a qual “há uma ligação inegável entre os Guaranis históricos e os reconstituídos através da arqueologia”⁹, buscou-se, ainda no terceiro capítulo, relacionar a cultura material e os indícios na paisagem com sujeitos históricos que as geraram. Desta maneira, como forma de observar os Guarani históricos e etnográficos, foi analisado um relato produzido no âmbito de uma expedição jesuítica realizada à região sul do estado de Santa Catarina no início do século XVII. Procurou-se, assim, identificar no texto elementos que possam ser confrontados com os registros arqueológicos disponíveis.

⁸ CAMPOS, Juliano Bitencourt et al. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.

⁹ SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. **Documentos 5. Pré-História do Rio Grande do Sul**. 2. Ed. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, p. 31-63, 2006. p. 31.

2 HISTÓRIA INDÍGENA: O PERCALÇO DAS FONTES DOCUMENTAIS

2.1 A EMERGÊNCIA DAS NOVAS FONTES

No contexto das novas problemáticas surgidas no campo historiográfico no início do século passado, onde o problema das fontes é colocado de forma incisiva, um amplo leque de possibilidades é aberto, indo-se além dos documentos oficiais em busca da construção do conhecimento referente às sociedades pretéritas. Surgem, destarte, novas ferramentas aptas a serem utilizadas no fazer historiográfico, redundando no desenvolvimento de diversas perspectivas e modos de se olhar para o passado com o intuito de compreendê-lo. Nesta esteira, novos atores entram em cena, trazendo à baila uma variedade de novas abordagens a serem colocadas em prática.

Segundo Burke¹⁰, neste processo de ampliação do universo de atuação dos historiadores, a história começa a “se interessar virtualmente por toda atividade humana”. Grupos sociais outrora negligenciados pela chamada “história oficial” começam a ter voz na narrativa histórica a partir da diversidade do uso das fontes e das variadas perguntas colocadas pelo historiador às mesmas. Consequentemente, começam a despontar no cenário do passado histórias que até então pouca ou nenhuma importância lhes era atribuída. História das mulheres, história dos marginais, história rural são alguns exemplos ilustrativos deste momento de mudança paradigmática, desviando assim o foco da história essencialmente política e militar, segundo a lógica predominante no século XIX, para a qual a história seria o estudo do passado a partir dos documentos escritos e oficiais. Neste sentido, os olhares começam a se voltar a outras questões do viver em sociedade, desde a economia e a legislação até a paisagem e o âmbito da vida privada¹¹.

Esta ampliação das fontes e de seus usos torna-se essencial quando o olhar do pesquisador se volta para a história das culturas indígena ou pré-coloniais. Por se tratarem de sociedades das quais não se tem notícia do desenvolvimento de um sistema de escrita, o historiador que delas se ocupar necessariamente precisará dominar as fontes que lhe estiverem disponíveis, procurando, de distintas maneiras, transformar o que tem à sua disposição em “documentos históricos” que lhe dê respostas às perguntas estrategicamente formuladas. Assim, faz-se indispensável o uso de metodologias de análises específicas e o

¹⁰ BURKE, Peter. Abertura: a nova história: seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 11.

¹¹ Idem.

diálogo com áreas do conhecimento que auxiliem na compreensão do material de que dispõe. Ou seja, ao empreender este tipo de abordagem, os historiadores buscam estabelecer diálogos interdisciplinares com outras áreas do conhecimento, a fim de manusear de forma profícua o material de que dispõem para buscar a abrangência de determinado processo histórico.

No caso da história indígena, tanto pré-colonial quanto colonial, duas categorias documentais podem ser utilizadas de modo a contribuir para a compreensão de sua dinâmica social. Tratam-se da cultura material – no mais das vezes único testemunho de suas atividades culturais – e dos documentos etnohistóricos – resultado dos abundantes relatos dos viajantes, naturalistas, missionários, que, intencionalmente ou não, testemunharam, de diferentes pontos de vistas e em intensidades diversas, aspectos sociais de grupos indígenas inseridos em diversos pontos do continente.

A este propósito, destaca-se que nas últimas décadas tem-se percebido uma crescente relação entre os usos da etnohistória e da arqueologia, sendo suas inter-relações provocadas e utilizadas como forma de abordar, de uma maneira cada vez mais holística, as relações e as dinâmicas sociais de sociedades não-europeias presentes na América não somente antes de 1500, mas também depois deste período, e que, ao longo de praticamente toda a produção historiográfica do continente têm sido relegadas à pequenos e obscuros espaços¹².

2.2 ETNOHISTÓRIA

Sobre a etnohistória, Bandeira¹³ lembra que seu aparecimento como campo de pesquisa a ser explorado faz parte da tentativa de superar o aspecto descritivo da cultura material pré-histórica, buscando aprofundar o caráter interpretativo dos contextos arqueológicos. Neste sentido, esta passa a ser uma importante área de atuação para o historiador preocupado com a contextualização dos vestígios materiais resultantes da ação dos diversos grupos pré-coloniais.

Ao abordar o conceito de etnohistória, esta autora aponta para a “ausência de uma definição consensual”¹⁴. Observando que esta é entendida de formas diversas, ora como estudos sobre determinadas sociedades realizados somente a partir de documentos

¹² BANDEIRA, op. cit., p. 203.

¹³ Idem.

¹⁴ Idem, p. 200.

históricos, ora como o conceito êmico de história, ora como o estudo do processo histórico por que passa certo grupo social, dentre outras abordagens. Assim, destaca as diferenças de enfoques dentro deste campo, onde, em algumas vezes a etnohistória “é entendida como um meio, uma metodologia utilizada por outras ciências e, em outras, como um fim, a história de determinados grupos humanos”¹⁵.

Cavalcante¹⁶ aponta que o conceito de “etnohistória” é utilizado nas recentes pesquisas em história indígena sob diversas concepções, e que, desde o seu “aparecimento”, é recorrente a discussão sobre seu caráter de independência, de subdisciplina, de técnica de análise e/ou de fornecimento de dados para outras disciplinas.

No âmbito destas discussões está inserida a questão de sua proximidade com a história e a antropologia, além dos conteúdos a serem abordados por esta área de pesquisa. Nesta aproximação, considera-se a etnohistória como uma metodologia que, lançando mão de evidências documentais e da tradição oral, estudaria as sociedades americanas pré-coloniais ágrafas, ainda que em sua maior parte a partir do contexto pós-conquista da América. Neste sentido, a etnohistória seria uma categoria de análise, que, de forma interdisciplinar, forneceria dados sobre a história pré-colonial, não sendo tomada como uma disciplina isolada e independente¹⁷.

Outro significado atribuído à etnohistória parte da representação e da compreensão que os próprios povos ou indivíduos indígenas têm de sua história e de sua cultura. Assim, a produção da escrita historiográfica partiria de fontes internas ao complexo cultural do povo visado, donde poder-se-ia retirar, em certa medida, sua própria noção do tempo, da historicidade do seu grupo, abordando seus mitos, seus rituais, determinados aspectos psicológicos e sociológicos. Buscando, desta forma, a representação que o indígena faz de si mesmo, dando, desta maneira, voz aos povos estudados¹⁸.

Um sentido diverso dado ao termo, de alguma maneira próximo à definição anterior, vê a etnohistória como a narrativa historiográfica produzida de uma perspectiva êmica, ou seja, por sujeitos oriundos dos próprios grupos estudados, expressando, assim, uma forma de ver seu mundo e o mundo exterior a partir de sua tradição cultural¹⁹. É o que vem ocorrendo ultimamente, com a inserção de sujeitos autorreconhecidos como indígenas em cursos de graduação e pós-graduação, capacitando-se instrumental e teoricamente – nos

¹⁵ Idem, p. 200.

¹⁶ CAVALCANTE, op. cit.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

moldes exigidos pela academia e pelo meio científico – para atuarem como interlocutores entre a sociedade nacional e as comunidades tradicionais as quais representam.

Uma última conceituação elencada por Cavalcante classifica a etnohistória como uma conjugação interdisciplinar entre a antropologia, a história e a arqueologia. Desta maneira, seus dados, visando à escrita da história das culturas não ocidentais, seriam buscados junto às tradições orais, às fontes arqueológicas, à linguística e à documentação escrita, sejam elaboradas por indígenas ou não indígenas. Insere-se aí a documentação produzida por missionários, viajantes, naturalistas, que, ao se estabelecerem ou cruzarem certo território em determinados períodos, ainda que com objetivos diversos, deixam entrever em seus relatos algo da organização e das manifestações sociais e culturais dos povos indígenas com os quais entravam em contato ou dos quais tomavam conhecimento²⁰ – sendo esta a noção de etnohistória utilizada no presente trabalho.

2.3 HISTÓRIA DA CULTURA MATERIAL

Para Pesez²¹, durante muito tempo o uso da cultura material como fonte da pesquisa histórica foi praticamente ignorado, relegado mais ao estudo das civilizações clássicas temporalmente afastadas, onde a cultura material seria o testemunho mais presente, ou utilizado apenas por alguns destacados estudiosos.

Entretanto, com o advento da escola dos *Annales* e sua característica ampliação do domínio do historiador, a cultura material começa a ser introduzida dentre as novas possibilidades de fontes que surgem de suas discussões. Sua presença já pode ser detectada tanto nos trabalhos de Marc Bloch, ao tratar da paisagem rural e das massas camponesas, quanto nos de Lucien Febvre, que, embora tenha se debruçado mais sobre a história das mentalidades, também se interessou pelo desenvolvimento de outros campos das ciências humanas, tais como a etnologia e a geografia, o que o aproximou em certa medida da cultura material. Todavia, é de Fernad Braudel a “primeira grande síntese sobre a história da cultura material, *Civilização Material e Capitalismo*” – embora este historiador utilizasse a vida material como acesso, caminho concreto, para se alcançar os aspectos econômicos das “massas silenciosas”²².

²⁰ Idem.

²¹ PESEZ, op. cit.

²² Idem, p. 246.

Para Fernand Braudel, a vida majoritária é constituída pelos objetos, as ferramentas, os gestos do homem comum; só essa vida lhes diz respeito na cotidianidade; ela absorve seus pensamentos e seus atos. Por outro lado, ela estabelece as condições da vida econômica, “o possível e o impossível”.²³

A partir daí, pode-se conceber que o que permanece destes materiais constitui valioso objeto ao historiador que pretende lançar seu olhar sobre um determinado grupo social em um determinado período.

Bandeira²⁴, referindo-se aos objetos materiais pré-históricos, aponta:

A materialidade permeia todas as atividades humanas, desde aquelas mais cotidianas, como as ligadas à produção de alimentos até aquelas mais esporádicas como os rituais relacionados ao nascimento ou à morte de membros do grupo. Essas manifestações materiais, utensílios usados nas refeições ou as pinturas corporais, por exemplo, são, a um só tempo, reflexos e condutores das concepções culturais e relações sociais de grupos humanos.

Nesta perspectiva, quando o pesquisador se vê diante da escassez de fontes que possam o auxiliar na busca da compreensão de determinados contextos históricos e sociais, a expansão dos limites da disciplina histórica, abrindo possibilidades de diálogos com outras áreas que possam contribuir para este exercício de observação do passado, apresenta-se como uma necessidade primordial para que a tarefa do historiador possa ser efetivada com certo grau de eficiência.

Pois, embora nem sempre disponhamos de documentos escritos que nos dê testemunho a respeito do período histórico abordado, este testemunho pode ser buscado na materialidade resultante da dinâmica social do grupo que se pretende analisar. Neste sentido, como bem aponta Santos²⁵: “O historiador, narrador do passado, tem como atributo dar voz a materiais que não falam mas demonstram as múltiplas relações que constituíam o passado histórico analisado”.

Entende-se que o historiador que pretende trabalhar com estas categorias documentais necessita, prioritariamente, desenvolver habilidades que o permitam “ler” o vestígio material, reconhecendo-o como testemunho da intervenção humana em contextos sociais diversos²⁶.

Manejando a cultura material como fonte de seu estudo o historiador tem a oportunidade de examinar “não o objeto material tomado em si mesmo, mas sim os seus usos, as suas apropriações sociais, as técnicas envolvidas na sua manipulação, a sua

²³ Idem, p. 247-248.

²⁴ Op. cit., p. 215-216.

²⁵ SANTOS, Marcos César Pereira. Entre a pré-história e a história: o documento material humano. **Tempos Acadêmicos**, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, Criciúma, Santa Catarina, n. 11, p. 25-37, 2013. p. 35.

²⁶ Idem.

importância econômica e a sua necessidade social e cultural”²⁷. Logo, a análise das características dos vestígios materiais, sua constituição, forma, dimensões, dentre outros tantos atributos vai além de sua descrição física, abordando o contexto social em que estes objetos estiveram inseridos, levando em consideração questões referentes aos processos e às técnicas de produção, aos usos, às impressões individuais ou coletivas.

Os artefatos são, assim, inscritos “em uma teia de relações humanas que deve ser captada para que a História da Cultura Material não se transforme em um mero inventário descritivo de bens diversos e de suas formas de consumo”²⁸.

Nesta perspectiva a Arqueologia, por ter se especializado em técnicas e métodos analíticos de testemunhos materiais resultantes de diversos tipos de atividades humanas ao longo do tempo, apresenta-se como uma importante área do conhecimento com a qual a História necessariamente precisa dialogar ao lançar mão da cultura material como fonte de pesquisa. Todavia, a Arqueologia é aqui entendida não somente como um campo que tem como característica principal o levantamento de fontes e de dados empíricos²⁹, indo além, no sentido proposto por Childe³⁰, vista como "uma forma de História e não uma simples disciplina auxiliar".

No presente estudo, cujo foco é a presença Guarani na região do extremo sul do litoral catarinense, uma parte importante dos testemunhos disponíveis advém de dados de sua cultura material, identificados pelas atividades arqueológicas realizadas nesta área. Isso corrobora e justifica o necessário diálogo com esta disciplina, para que se alcance algum nível de sucesso quando o objetivo buscado é a compreensão da dinâmica histórica e social ocorrida neste espaço geográfico.

²⁷ BARROS, op. cit., p. 30.

²⁸ Idem, p. 33.

²⁹ Idem, p.31.

³⁰ CHILDE, Vere Gordon. **Introdução à arqueologia**. 2. Ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1977. p. 9.

3 OS GUARANI

Segundo Noelli³¹, “os Guarani formam um conjunto de populações de matriz cultural Tupi, mais especificamente vinculados aos povos Tupi-Guarani”. Sua origem teria se dado em algum lugar na região da bacia dos rios Madeira-Guaporé, dispersando-se em direção ao sul por meio de um contínuo crescimento demográfico. Desta forma, ocuparam um vasto território, hoje composto por partes do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Bolívia.

Partindo da análise de aspectos linguísticos, de informações etnohistóricas e da cerâmica associada à Tradição Policrômica Amazônica, Brochado³² realizou a reconstrução das rotas de migrações dos vários grupos indígenas falantes da família linguística Tupi-Guarani, dentre a qual se inserem os falantes da língua Guarani. Aponta, assim, que o movimento que proporcionou a chegada dos Guarani à parte meridional do continente teria sua gênese a partir do deslocamento, por volta de 500 anos A.C., de grupos que partiram da região amazônica em direção ao sul da América. Seguindo esta rota, teriam passado pelos contrafortes dos Andes e, através dos vales dos grandes rios, chegado ao litoral, se estabelecendo na região das lagoas³³ (Figura 1).

³¹ NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999/2000. p. 247.

³² BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, n. 27, São Paulo, p. 65-82, 1989.

³³ LINO, Jaisson Teixeira; CAMPOS, Juliano Bitencourt. A cruz entre o mar e as lagoas: expedições jesuíticas ao sul do Estado de Santa Catarina no século XVII. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 1, p. 31-42, 2003.

Figura 1: Mapa representando a rota migratória Guarani (em pontilhado).



Fonte: Modificado de Oliveira, 2002.

De acordo com Monteiro³⁴, embora projetem uma unidade cultural e linguística abrangente, as fontes da época dos primeiros contatos apontam para uma intensa fragmentação política e territorial. Neste sentido, destaca:

Não muito distante do exemplo Tupi, o constante abandono e regeneração de aldeias, o quadro mutável de alianças e hostilidades e as migrações de longas distâncias mobilizadas por carismáticos profetas são fatores que se contrapõem a qualquer visão monolítica de uma ‘nação’ Guarani³⁵.

Noelli³⁶ observa que:

É preciso reconhecer que os Guarani representam diversas populações que tinham em comum língua, cultura material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos, etc. Há, evidentemente, variações em nível dialetal, de adaptabilidade e de etnicidade.

Assim, sua reprodução cultural seria resultado da “plasticidade de sua organização política, social e de parentesco de um lado e, do outro lado, a grande capacidade de se adaptar ao meio, adquirindo novidades para a subsistência, medicina e matérias-primas”³⁷. Desta forma, entende-se que a adaptação e a prescritividade de sua cultura só seria possível mediante a troca contínua de informações entre as aldeias que ocupavam o imenso território descrito pelos cronistas do século XVI e XVII. Logo, a uniformidade das manifestações culturais entre os diversos grupos componentes do universo Guarani pode ser

³⁴ Op. cit.

³⁵ Idem, p. 477.

³⁶ Op. cit., p. 248.

³⁷ Idem, p. 248.

explicada na medida em que estas informações percorriam grandes espaços e eram congregadas de forma rápida à sua rede de significados³⁸.

Tendo em vista a distribuição das datações dos sítios arqueológicos associados aos Guarani, pode-se dizer que estes já estavam presentes nas bacias dos rios Paranapanema, Paraná, Uruguai e Jacuí desde 2.000 a 1.500 anos AP³⁹, continuando até o contato com o europeu colonizador, nos séculos XVI e XVII⁴⁰.

Quanto ao período de ocupação das aldeias, dados históricos referentes ao Paraguai apontam para a permanência de até 150 a 200 anos⁴¹. A língua Guarani, falada na região sul do Brasil, no Mato Grosso do Sul, na Argentina e no Paraguai, deve ter alcançado entre 600.000 e 800.000 falantes⁴².

A convivência das aldeias e o sistema de parentesco proporcionavam uma rede de colaborações e trocas entre as diversas áreas ocupadas. Segundo Schmitz⁴³, “apesar de não ter uma estrutura política unificadora, a colonização Guarani apresenta concentrações marcadas por maior solidariedade e maior unidade”. Este autor chama a atenção, ainda, para as semelhanças culturais entre habitantes de um mesmo vale em relação a outro, como, por exemplo, a “amizade” e o intercâmbio que ocorriam entre os Guarani da costa do Rio Grande do Sul e do litoral de Santa Catarina.

Quanto à sua estrutura sociopolítica tinham como base a reunião, baseada em laços sanguíneos ou políticos, de diversas famílias nucleares em torno de uma liderança. O fator agregador destas famílias não advinha da matrilocidade ou da patrilocidade, mas sim do prestígio do indivíduo que almejava e/ou tomava para si o posto de líder, através de suas qualidades individuais seja nas atividades cotidianas, como organizar grupos de trabalho, ter uma oratória apurada, dedicar-se à comunidade, seja no relacionamento com outros grupos, em ocasiões de guerras, articulações políticas e/ou promoção de grandes festas⁴⁴.

Soares sustenta que, embora não se possa aplicar o termo ‘cacicado’ com o mesmo significado e características aplicadas às sociedades pré-colombianas da América Central e do Norte, no caso Guarani pode-se usá-lo observando-se certas especificidades e certas características que corroboram sua utilização. A saber:

³⁸ Idem.

³⁹ Antes do Presente, sendo o ano de 1950 convencionalmente referenciado como o “presente”.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. **Documentos 5. Pré-História do Rio Grande do Sul**. 2 ed. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 31-63, 2006.

⁴³ Idem, p. 43.

⁴⁴ NOELLI, op. cit., p. 247.

A presença de enterramentos diferenciados, de hierarquia entre as chefias (tanto política quanto religiosa), a existência de uma liderança que é reconhecida dentro de uma região, os elos de parentesco sanguíneo e político que ligam as aldeias, a existência de uma agricultura desenvolvida capaz de gerar excedentes, assim como a unidade sócio-política presente nas parcialidades⁴⁵.

Todavia, este mesmo autor chama a atenção para a aplicação do termo já desde os primeiros contatos como o fruto da necessidade do colonizador/conquistador de enquadrar os grupos com os quais travava conhecimento nos modelos sociais e políticos previamente conhecidos no Velho Continente. Explica-se desta forma a recorrente presença de termos como “caciques”, “principais de aldeias” ou “cacique principal”, na literatura etnohistórica e etnográfica deste período.

A organização social e política Guarani pode ser classificada segundo suas relações internas e a complexidade presente na sua forma de ocupação territorial. Neste sentido, Soares⁴⁶ apresenta quatro níveis organizacionais interligados entre si. Assim, de forma concêntrica, a ocupação do espaço e a rede de relações sociais teria sua expressão menor e mais simples na família extensa, reunião de um determinado número de famílias nucleares, ligados por parentesco, no mais das vezes, em uma mesma casa e sob a chefia de um líder, geralmente um dos mais velhos da família. Estas famílias extensas podiam comportar até sessenta famílias nucleares que, por sua vez, eram formadas por quatro ou cinco pessoas em média.

Em seguida viriam as aldeias, formadas pelos conjuntos de famílias extensas assentadas em um espaço restrito, algo similar a um povoado. A aldeia é o local onde serão empreendidas as relações sociais mais elementares e cotidianas. É neste cenário que irão ocorrer as atividades coletivas e as festas religiosas, evidenciando de forma mais nítida as relações de reciprocidade e parentesco.

O conjunto destas aldeias englobadas em um território mais amplo, constituindo uma unidade sociopolítica, seria o *tekohá*. É aí que se reproduzirão as relações econômicas, sociais, políticas e religiosas essenciais ao modo de ser Guarani. Na época dos primeiros contatos, as distâncias entre as aldeias no interior de um *tekohá* poderiam chegar a até 600 km – drástica e sistematicamente reduzidas após o contato com os europeus. Um *tekohá* poderia comportar desde 8 até 120 famílias extensas, distribuídas e interligadas de distintas formas.⁴⁷

⁴⁵ SOARES, André Luís Ramos. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 119.

⁴⁶ Idem, p. 122.

⁴⁷ Idem.

Finalmente, o *guará* seria a categoria espacial que englobaria distintos *tekohá* em um mesmo território contínuo, delimitado por limites geográficos naturais – assim como os *tekohá* –, e por uma consciência de unidade sociocultural da população que o habitava.⁴⁸

Portanto, é dentro e a partir destes espaços que irá se desenvolver a sociabilidade e as relações políticas das diversas parciais deste grupo social.

Além dos conflitos com outros grupos, os Guarani mantinham conflitos internos constantes, por diversas razões. Neste sentido, ocorriam frequentes disputas entre as diversas lideranças estabelecidas em determinado território que pudesse comportar diferentes *tekohás*, promovidos tanto por questões territoriais quanto por prestígio local, dentre outros fatores. Os prisioneiros destes embates não eram incorporados à comunidade como escravos, mas sim consumidos em rituais antropofágicos devidamente elaborados⁴⁹.

Com relação à adaptação ambiental, observa-se nos Guarani uma autonomia relativa quanto às ofertas do meio. Ao longo das áreas conquistadas inseriam e transportavam as plantas mais utilizadas por meio de seu “pacote básico”, composto por itens alimentícios, medicinais e materiais. Este “pacote” ia sendo implementado na medida em que os Guarani trocavam experiências com outros grupos ou entravam em contato com novos ambientes, assimilando intensamente ao seu cotidiano os recursos faunísticos exteriores à Amazônia⁵⁰.

Quanto às restrições dietárias, não se percebe, a partir das fontes históricas e etnográficas, a presença de restrições definitivas; ocorrendo estas apenas em casos específicos, como em momentos ou fases ritualísticas ou por opções individuais. Sua dieta era baseada na caça, na pesca, na coleta e na agricultura, com grande número de sementes trazidas da Amazônia. Noelli⁵¹ salienta que:

Seu sistema de manejo agroflorestal certamente contribuiu para a ampliação da biodiversidade das comunidades vegetais das regiões onde se instalavam, uma vez que em vários pontos do Sul do Brasil há espécies nativas de outras regiões, como a própria Amazônia, Centro-Oeste do Brasil, Chaco, Andes e Pampa.

O manejo das plantas era realizado em diversos espaços ao longo da extensão territorial do *tekohá*, havendo intensa troca de mudas e sementes entre as aldeias, o que contribuía para a disseminação das espécies⁵².

Além das roças abertas em clareiras no meio da mata, os Guarani cultivavam,

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ SCHMITZ, op. cit.; NOELLI, op. cit.; MONTEIRO, op. cit.

⁵⁰ NOELLI, op. cit.

⁵¹ Idem, p. 249.

⁵² Idem.

ainda, em diversos locais, tendo em vista distintos fatores, como clima, umidade, tipo do solo. Assim, havia o cultivo junto da aldeia, próximo das casas; nas trilhas que ligavam as aldeias e as roças; em clareiras, naturais ou oriundas de derrubadas de árvores; além de ampliarem espécies predominantes em determinados locais, como ervais de mate, palmitais e pinheirais⁵³.

No território ocupado por uma aldeia Guarani presenciavam-se roças e áreas de pousio em distintos estágios. Os períodos de pousio podiam durar de 10 a 15 anos, ao fim dos quais o local era reutilizado para a implantação de novas roças⁵⁴.

A partir de estudo de caso realizado na região do delta do Rio Jacuí, no Rio Grande do Sul, Noelli⁵⁵ identificou a presença de mais de 300 itens vegetais de coleta que poderiam ser utilizados na dieta Guarani, ofertados em números consideráveis durante todas as estações. Quanto aos gêneros cultivados, elencou uma média de 39 tipos⁵⁶.

Consumiam, também, grande quantidade de animais, como mamíferos, aves, peixes, répteis, anfíbios, moluscos e insetos. Caçavam e pescavam com variadas estratégias, individual ou coletivamente, de forma aleatória para o cotidiano e de forma especializada quando a finalidade era o lazer, presentes, provimento para festas ou fins ritualísticos. Quanto aos insetos, provedores importantes de energia, cultivavam-nos a partir da derrubada e apodrecimento de determinadas espécies arbóreas ou coletavam-nos durante seus ciclos normais⁵⁷.

Quando os portugueses e espanhóis, principalmente, chegaram à atual região sul do Brasil os Guarani ocupavam grande parte deste território. Todavia, já nos primeiros 150 anos de contato com o europeu observa-se sua sucessiva redução demográfica, resultante tanto das epidemias geradas pelo contato quanto pelo apresamento sistemático das bandeiras. Chama-se a atenção para a manutenção de uma população de cerca 80.000 pessoas nas reduções jesuíticas, principalmente entre os anos de 1750-60, e dois bolsões populacionais principais, localizados no Paraguai e no Mato Grosso, além de comunidades isoladas de pequeno porte em diversas regiões⁵⁸.

Na região sul, os Guarani enfrentaram a expansão europeia em duas frentes – a portuguesa e a espanhola – movidas, por sua vez, por impulsos econômicos exploratórios ou

⁵³ Idem, p. 249, 254.

⁵⁴ Idem, p. 254.

⁵⁵ NOELLI, F. S. **Sem tekoha não há tekó. Sem terra não há cultura**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.

⁵⁶ NOELLI, op. cit., 1999/2000, p. 254.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Idem.

de missionarização. Dentro destes avanços, é notável a tensão e os embates entre os agentes da economia colonial exploratória, representados principalmente pelos bandeirantes, que se embrenhavam nos sertões em busca de índios que pudessem escravizar, e os missionários que procuravam aldeá-los em reduções com o intuito de catequizá-los⁵⁹.

Em relação ao apresamento e à escravização dos Guarani do território meridional brasileiro, pouca expressividade teve a *plantation* espanhola, já sua similar baseada em São Vicente teve importante atuação, vindo na densidade de assentamento deste grupo boa oportunidade para adquirir mão-de-obra escrava⁶⁰.

Essas expedições de apresamento (denominadas de “descidas”) começaram de forma sistemática já em 1600, quando bandeirantes baseados em São Vicente adentraram os territórios de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a partir da costa, em busca de indígenas que pudessem levar para as plantações do Sudeste. Este empreendimento contaria, inclusive, com o auxílio de indivíduos e grupos, também Guarani, cujas lideranças serão conhecidas na literatura etnohistórica como *Tubarões*. Esta prática irá gerar uma rede de intermediários dentro do território Guarani, contribuindo sobremaneira com seu aniquilamento físico, social e cultural⁶¹.

Além da frente de escravização levada a termo pelos paulistas, existiram também as “encomiendas” espanholas, no interior do continente, que buscaram “arregimentar toda a população indígena, traumatizando-a e levando-a a sua desorganização”⁶². Logo após, chegam as Missões, pretendendo reunir as populações Guarani em povoados densos, objetivando uma sobrevivência autônoma baseada na economia da produção comunal, realizada pelo trabalho destes gerenciados pelos missionários da Companhia de Jesus. A partir de 1609 irão se estabelecer reduções jesuíticas no oeste do Paraná, no centro e oeste do Rio Grande do Sul e nas Misiones argentina e paraguaia. Embora em território espanhol, estas reduções são muito visadas pelos bandeirantes, que, já em 1611 atacam as reduções no Guairá (Paraná), sendo, porém, frustrados em seu objetivo, devido à resistência das autoridades espanholas locais. O mesmo acontece em 1612, 1619, 1623 e 1624, quando, por fim, em 1628 e 1629, uma grande bandeira, liderada por Antônio Raposo Tavares, ataca as reduções, reduzindo-as de um número de 30.000 Guaranis para cerca de 12.000, que serão levados pelos missionários para o sul e para o oeste⁶³.

⁵⁹ SCHMITZ, op. cit.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Idem.

⁶² Idem, p. 49.

⁶³ Idem.

Após estas expedições ao Guairá, os bandeirantes se voltam para o sul. Em 1635 irão se embrenhar no sertão de Santa Catarina a partir de Laguna. “Esta e as seguintes bandeiras se apoiam sobre a rede de intermediários que cobre o leste do Rio Grande do Sul e leva os prisioneiros para os portos da costa”⁶⁴. Outras expedições serão registradas em 1636, 1637, 1638 e 1640, quando “se organiza a maior de todas as ‘bandeiras’ [...] contando com mais de 400 portugueses, muitos mulatos e negros e mais 2.500 Tupis frecheiros”⁶⁵, que terão como alvo a margem direita do Uruguai, em território argentino, para onde haviam sido levados, em 1637, os Guarani reduzidos no Rio Grande do Sul. Estes, estando mais concentrados, armados e apoiados, irão repelir os invasores, naquela que ficou conhecida como a batalha de *Mbororé*. Apesar de nenhuma bandeira ser organizada a partir deste momento, os paulistas ainda irão manter suas caças aos índios nos próximos 20 anos, principalmente no território sul-rio-grandense e nas regiões da bacia do Prata.

O número de Guarani que foram mortos ou levados para servir de mão-de-obra escrava no sudeste é calculado, geralmente, em mais de 60.000, chegando alguns a defenderem a cifra de 300.000. Este processo diminuiu drasticamente a demografia Guarani do Paraná, de Santa Catarina e do centro e leste do Rio Grande do Sul, locais estes densamente povoados por este grupo antes da chegada dos portugueses e espanhóis⁶⁶.

Na região litorânea catarinense foram os Guarani os primeiros a entrar em contato com os europeus recém chegados; isso ocorrendo, no sul, provavelmente por volta de 1526, quanto aportam em Laguna marinheiros da nau de Don Rodrigo de Acuña, desgarrados da esquadra de Jofré de Loaysa⁶⁷.

A partir daí, os contatos vão sendo intensificados, ganhando força, em fins do século XVI, o processo de escravização, inserido no movimento de expansão de fronteiras empreendido pelos vicentistas, dentro do qual pode-se colocar o contexto de fundação da cidade de Laguna, ponto de fundamental importância para a ocorrência deste processo. A literatura etnohistórica nos deixa importantes informações sobre o aniquilamento da sociedade Guarani estabelecida no litoral sul catarinense. Testemunha, assim, a busca por escravos empreendida diretamente pelos bandeirantes, mas, também, o aliciamento de índios da própria região (o caso de *Tob-anharō* é o exemplo mais notável), que capturavam outros indígenas e os negociavam com os portugueses. Os relatos da violência testemunham que o

⁶⁴ Idem, p. 50.

⁶⁵ Idem, p. 50.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. O território Guarani no litoral sul catarinense: ocupação e abandono no limiar do período colonial. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 29, p. 147-182, 2013. p. 170.

método dos escravizadores seria o de cercamento das aldeias e dissuasão de seus habitantes. Caso isto não surtisse efeito, eram empreendidos atos violentos redundando em casos em que os portugueses “entram, matam, queimam e assolam [...] e casos houve em que se queimaram populações inteiras só para o terror e espanto dos que ficavam vizinhos”⁶⁸.

3.1 CERÂMICA GUARANI

Não obstante encontrarmos nos registros arqueológicos Guarani evidências de materiais que fizeram parte do cotidiano daqueles que o habitaram, como, por exemplo, “as manchas de terra, os instrumentos líticos, restos alimentícios e arqueobotânicos”⁶⁹, dentre outros, o material mais abundante nestes sítios são os fragmentos cerâmicos. Estes vestígios de sua produção tecnológica, por sua resistência aos processos pós-deposicionais dos contextos arqueológicos e sua indubitável inserção no cotidiano Guarani tem sido considerado um documento de importância fundamental na busca da compreensão da história de seus produtores. Estes artefatos são pensados e produzidos para permanecerem, durarem, o que os torna um terreno fértil para o pesquisador que procura analisar o grupo que os produziram⁷⁰.

A confecção dos vasilhames cerâmicos era uma atividade essencialmente exercida pelas mulheres Guarani. Consoante La Salvia e Brochado⁷¹, o processo de produção do vasilhame cerâmico comporta todo “um complexo de ações que seguem um conjunto desde a base até a borda, onde não só a construção, mas os tipos de acabamentos são e serão desenvolvidos”. Dentro deste complexo, a confecção das vasilhas era realizada, preponderantemente, a partir da justaposição de roletes de argilas buscando como objetivo final uma forma previamente pensada.

Landa⁷² indica que a produção de cerâmica era uma tarefa que se intensificava principalmente nos períodos rituais, tais como a execução de um prisioneiro ou em “épocas de festas de cauinagem”.

⁶⁸ MONTEIRO, 2005 apud MILHEIRA; DE BLASIS, op. cit., 2011, p. 171.

⁶⁹ MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território**. 2010. 224 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

⁷⁰ BARRETO apud MONTICELI, Gislene. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 105-115, jan.-abr., 2007. p. 109.

⁷¹ LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. p. 20.

⁷² LANDA, Beatriz dos Santos. **A mulher guarani: atividades e cultura material**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1995. p. 43.

Um importante aspecto cultural presente na produção da cerâmica Guarani e que pode ser analisado arqueologicamente é o acabamento superficial. Este é o tratamento aplicado às paredes da vasilha no processo de sua confecção, podendo ser dividido, de acordo com La Salvia e Brochado⁷³, em “acabamento de cunho prático” e “acabamento de cunho artístico”. Segundo esta categorização, o acabamento prático seria aquele no qual a intencionalidade da artesã estaria voltada principalmente para a funcionalidade do objeto esperado, sendo, portanto, parte intrínseca de sua cadeia produtiva, podendo posteriormente receber alguma ação propriamente decorativa. Aí se inserem as ações que modificam a superfície da vasilha com o intuito de chegar à forma anteriormente mentalizada, resultando em diversos tipos de acabamentos.

Já aquele de cunho artístico revela a intencionalidade da artesã, sendo “pois, uma aplicação definitiva especialmente criada para este fim e não uma ocorrência fortuita em função de métodos produtivos e de simples acabamento”⁷⁴.

Figura 2: Tratamentos de superfície de fragmentos de Cerâmica Guarani do sítio arqueológico Lagoa Mãe Luzia. Em sentido horário: corrugado, ungulado, pintado e liso.



Fonte: Acervo IPAT/UNESC.

Noelli⁷⁵ observa que os Guarani têm a prescritividade como norma, o que pode ser evidenciado na reprodução de sua cultura material, com a ausência de mudanças significativas mesmo diante de pessoas e coisas “não-Guarani”, que eram logo assimiladas à sua conduta cultural.

⁷³ Op. cit., p. 25.

⁷⁴ Idem, p. 27.

⁷⁵ NOELLI, op. cit., 1999/2000.

Assim, seu baixo índice de variabilidade ao longo do tempo e do espaço ocupado por seus produtores reflete:

1. Capacidade de adaptação em distintos ambientes reproduzindo a mesma tecnologia;
2. Que apresentam as mesmas funções devido à permanência dos padrões de abastecimento e dos hábitos dietários;
3. Que apesar da incorporação de indivíduos externos ao grupo ou mesmo outros grupos inteiros, isso não afetou seu padrão tecnológico, que permaneceu rigidamente o mesmo; e
4. Que as trocas de informações entre as diversas regiões Guarani não foram interrompidas por sua dispersão espacial.

O autor supracitado aponta ainda que, inserindo as vasilhas dentro de um contexto sociológico e histórico da cultura Guarani, lançando mão de dados etnográficos e históricos, sobretudo dos primeiros séculos de contato, verifica-se que há uma relação padronizada entre sua morfologia e a função à qual era destinada. Quanto à sua utilização, este autor afirma poderem ser divididas em dois conjuntos básicos: aquelas utilizadas para “transformar os ingredientes em alimentos (*yapepós*, *ñæetás* e *cambuchís*)” e aquelas “usadas como pratos (*ñæé*) e tigelas de beber (*cambuchí caguabã*)”⁷⁶.

Estes objetos tinham como função principal a produção, armazenagem e transporte de diferentes tipos de alimentos e bebidas. Embora não haja registros de confecção proposital de urnas funerárias, sabe-se que os vasilhames domésticos, após sua vida útil, eram utilizados para este fim.

De forma sucinta, as principais características morfológicas e funcionais da cerâmica Guarani podem ser descritas da seguinte maneira, segundo Noelli⁷⁷; Brochado; Monticelli; Neumann⁷⁸; La Salvia e Brochado⁷⁹:

Yapepó: Sua função principal era a do cozimento. Sua altura poderia chegar a 90 cm, com diâmetro de boca de até 100 cm, com capacidade de até 120 litros. Por ser um objeto de constante manipulação e contato com o fogo – o que provavelmente acarretava em frequente quebra e descarte –, sua confecção se dava de forma mais funcional, sendo o

⁷⁶ NOELLI, op. cit., 1999/2000, p. 256-257.

⁷⁷ Op. cit., 1999/2000.

⁷⁸ BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.

⁷⁹ Op. cit.

tratamento de superfície preponderante o corrugado. Poderia servir secundariamente como urna funerária.

Ñaetá: Similar a uma caçarola de tamanho médio ou grande. Utilizada para cozinhar. Seu diâmetro variava entre 30 e 40 cm.

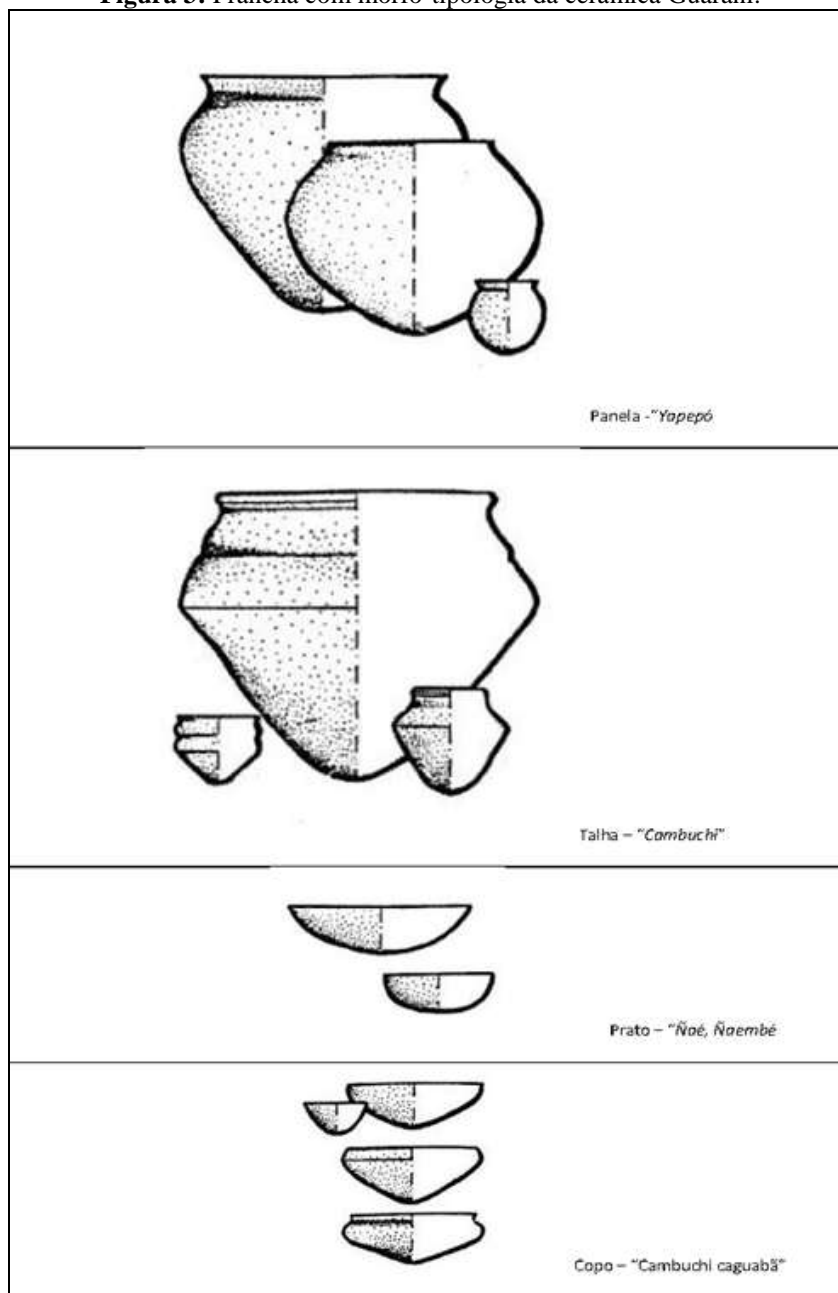
Ñaembé: Eram os pratos usados para servir e consumir os alimentos, de maneira individual ou coletiva. É provável que fossem ao fogo para reaquecer os alimentos.

Ñamopiu: Similar a pratos ou bandejas, muito rasos. Era utilizado como tostador, provavelmente para torrar a farinha de mandioca.

Cambuchí: Era utilizado para armazenar líquidos, bem como produzir e conter o *cauí*m – bebida fermentada Guaraní, consumida em seus eventos festivos e ritualísticos. Por raramente irem ao fogo, tem como tratamento de superfície externa preponderante a pintura na parte superior e o alisamento na parte inferior. Poderia servir secundariamente como urna funerária.

Cambuchí caguabá: Servia como recipiente para o consumo de líquidos, inclusive o *cauí*m. Quanto ao tratamento de superfície, variam desde o pintado até o corrugado, unglado ou alisado, apresentando raros casos de pintura interna. Seu grau de elaboração pode dar indício do prestígio social de quem o usaria. Podia ser utilizado de forma individual ou comunitária.

Figura 3: Prancha com morfo-tipologia da cerâmica Guarani.



Fonte: Noelli, 1993.

4 OS GUARANI NO EXTREMO SUL CATARINENSE

4.1 ETNOHISTÓRIA

A maior quantidade de documentos etnohistóricos referentes à ocupação Guarani no estado de Santa Catarina restringe-se principalmente às regiões do litoral central e norte do estado. Destes, o documento mais antigo de que se tem conhecimento é o relato de Binot Paulmier de Gonneville, que teria aportado no litoral norte catarinense, provavelmente na região de São Francisco, em 1503⁸⁰. Após este, outros viajantes, ainda que com distintas intenções, deixaram em seus relatos algum tipo de testemunho do que encontravam em sua passagem por estes lugares. Neste sentido, pode-se citar os casos de Aleixo Garcia em 1522, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca em 1541, Hans Staden em 1549 e Gabriel Soares de Souza em 1587⁸¹.

Sobre o sul do estado de Santa Catarina, têm-se conhecimento do relato de Jerónimo Rodrigues, que, entre os anos de 1605 e 1607, juntamente com o padre João Lobato, realizou uma expedição missionária com destino à “terra dos Carijó”, identificada no documento como sendo a região de Laguna, com o intuito de aldear e catequizar os indígenas que encontrassem nessa costa. Esta viagem fazia parte de um contexto de evangelização realizado já de longa data pelos membros da Companhia de Jesus, que, com o aval das coroas portuguesa e espanhola, objetivavam expandir os ensinamentos cristãos aos grupos humanos contatados do lado de cá do Atlântico.

Após a vinda destes missionários, várias outras expedições, durante os 35 anos seguintes, buscaram difundir os ensinamentos e o modo de vida católico aos habitantes que aí encontrassem⁸². De suas viagens a estes locais, podemos entrever, no mais das vezes, informações a respeito do que encontravam e que podem nos auxiliar na observação da maneira como os grupos humanos a ocupavam e de que forma se dava diversas de suas relações⁸³.

Salienta-se que o enfoque neste relato justifica-se pelo fato de este jesuíta ter efetivamente entrado em contato com indígenas Guarani da região do extremo sul

⁸⁰ PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505**. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

⁸¹ BANDEIRA, op. cit.

⁸² LEITE, Serafim. (Org.). **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

⁸³ LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina**. 2007. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

catarinense, deixando entrever em sua narrativa informações da organização deste grupo social neste território específico.

Importante ressaltar que, devido à pretensão da empresa missionária, há que se ter em vista que os padres observavam e anotavam várias informações da vida dos habitantes deste lugar, donde podemos identificar alguns dados a respeito de variados aspectos de sua vida cotidiana. Todavia, é preciso lembrar que estas descrições foram realizadas por personagens que viam os indígenas como seres inferiores e, por isso mesmo, tinham como objetivo sua catequização e sua inserção no mundo civilizado, o que exige que se olhe para tais documentos tendo consciência da carga etnocêntrica que os mesmos carregam.

Outro ponto importante a se destacar diz respeito ao momento em que os jesuítas tentaram implantar a missão, pois desde há, no mínimo, 100 anos os Guarani já teriam tido contato, de diversas formas, com outros elementos colonizadores, como bem atesta a passagem seguinte: “[...] e haver nela alguns Cristão antigos, que uns Frades, a quem Deus perdoe, haverá 50 anos pouco mais ou menos fizeram Cristãos, deixando-os sem doutrina, em seus vícios e desventuras”⁸⁴.

Neste sentido, observa-se que as informações que podem ser retiradas destes relatos, não obstante sua importância para o conhecimento etnográfico da presença regional deste grupo, diz respeito a uma sociedade quiçá já em processo de dizimação física e cultural, devendo ser vistas de forma velada e procurando sempre realizar a contraposição com as informações disponíveis de sua cultura material e com pesquisas realizadas em outros contextos históricos e geográficos.

4.1.1 “A Missão dos Carijós”

Segundo o próprio documento, após partirem do sudeste e passarem por algumas localidades, como Cananéia, Paranaguá, Rio de São Francisco e Porto de D. Rodrigo (Imbituba), os missionários chegam, no dia 11 de agosto de 1605, a um local que denominam “Terra dos Carijós”, que, segundo Serafim Leite⁸⁵, seria a cidade de Laguna. Em seu relato, Rodrigues deixa entrever a distância entre este ponto e a região de “Ararungá”, que ficaria a “algumas 20 léguas”. Sobre esta localidade o jesuíta narra:

⁸⁴ RODRIGUES, Jerónimo. A missão dos carijs – 1605-1607. In: LEITE, Serafim. (Org.). **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 218.

⁸⁵ LEITE, Serafim, op. cit.

[é] um rio, aonde os brancos vão fazer seus resgates, e aonde estavam os principais índios com que havíamos de falar, ao sol e ao vento, em um areal, falou o Padre com eles, declarando-lhes ao que vínhamos. Todos mostraram folgarem com nossa vinda, porque esperavam haveremos nós de dar roupas, contas e ferramentas [...].⁸⁶

Quanto às aldeias e habitações encontradas ao longo do território ao qual os jesuítas entraram em contato, podem-se elencar algumas importantes informações. Logo ao chegar à primeira aldeia após partirem de Laguna, Jerónimo Rodrigues relata:

E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá todas as aldeias, de maneira que, a uma casa, chamam uma aldeia. E esta não tinha dentro em si mais de três moradores, ou para melhor dizer três casais com três ou quatro filhos.⁸⁷

Neste trecho do relato podemos perceber que a aldeia a que se refere o jesuíta é composta por apenas uma habitação, ao contrário dos agrupamentos constituídos de várias habitações citados na bibliografia a respeito dos Guarani em outras regiões. Todavia, diante da menção de que a casa era habitada por três moradores com suas famílias, podemos ver evidenciada a convivência sob uma mesma habitação de algumas famílias nucleares, sugerindo, assim, a composição de uma família extensa.

Isto pode ser atestado ainda em outra passagem, onde pode-se ler:

O pai do inocente Fernando, que é o senhor daquela aldeia, não havendo nela mais que ele e um seu genro, nos mandou convidar por uma, de quatro mulheres que tem, com obra de um punhado de farinha, em uns pequenos de feijões, bem sujos e escuros, que os não enxergávamos [...].⁸⁸

Aqui, de novo percebe-se a existência de habitações comunais, ainda que demograficamente muito menor que o constatado geralmente na etnologia para este grupo. Isso talvez possa ser explicado devido à época em que estas observações são realizadas, ou seja, em um contexto já de desintegração social devido ao crescente apresamento, além da depopulação causada por epidemias oriundas dos contatos com os colonizadores europeus. Outra importante informação a se retirar desta passagem diz respeito à presença da poligamia, representada aqui pelas quatro mulheres do “senhor daquela aldeia”.

Ainda sobre a disposição das aldeias, podemos recorrer à passagem na qual o jesuíta diz terem ido “à quarta aldeia”, onde encontra duas habitações com cerca de nove ou dez moradores.

Quanto à subsistência, durante todo o relato é mencionado o consumo de alimento cuja base era constituída pela mandioca, como quando recebem do “senhor” de

⁸⁶ RODRIGUES, op. cit., p. 221.

⁸⁷ Idem, 216-217.

⁸⁸ Idem, p. 218.

uma aldeia “[...] um punhado de farinha [...]”⁸⁹, ou quando ganham de uma índia “[...] uma pouca de farinha [...]”⁹⁰.

Em outra observação, diz que “[...] os índios neste tempo comiam gesaras com peixe e mixilhõis, e o que tinha algumas folhas de mandiiba, e alguns olhinhos de abóbora tinha que comer”⁹¹.

A respeito do cultivo deste vegetal, o padre se detém na forma como o mesmo era cultivado, observando que

Em todas estas 50 léguas não [há] terra preta, nem vermelha, nem cá a vi, tudo são areais e de areia mui miuda. E ainda que há algumas serras e oiteiros, também são de areia, mas dá tudo o que lhe prantam. E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo prantam, sem fazerem coibara nem fazerem covas pera mandiiba; mas com o cabo de cunha, com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau da mandiiba; e muitas vezes sem lhe fazerem buraco. E pera uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com ele na terra; e, assim machucado e ferido, o mete.⁹²

Outra passagem é ilustrativa da interação entre a disponibilidade e o consumo de vegetais pelos Guarani e aspectos de sua culturalidade. É o que se verifica quando o relato refere-se à forma como contavam o tempo. Neste sentido, observa que, “tem o ano repartido em quatro partes, *scilicet* três meses comem milho, outros três favas e abóboras, outros três alguma mandioca, e os outros três comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria”⁹³.

Percebe-se, ainda, o consumo de milho, mandioca e palmito, pelos padres, certamente influenciados pela disponibilidade destes vegetais na região e pelo seu manuseio por parte dos Guarani que à habitavam. Não obstante, verifica-se que a fome está constantemente presente no relato, acometendo tanto os membros da missão quanto os índios com os quais estes entram em contato.

Bastante evidente na carta de Jerónimo Rodrigues é a ocorrência de apresamentos e negociações levadas à termo tanto por “brancos” quanto por próprios indivíduos do grupo Guarani. Um personagem conhecido na região por realizar esta prática, segundo o jesuíta Jerónimo Rodrigues, é o índio Tubarão⁹⁴. Segundo o missivista, este

⁸⁹ Idem, p. 218.

⁹⁰ Idem, p. 224.

⁹¹ Idem, p. 219-220.

⁹² Idem, p. 230.

⁹³ Idem, p. 239.

⁹⁴ Embora aqui o nome *Tubarão* se refira à um indivíduo específico, é importante ressaltar que este termo designa, muitas vezes, os indígenas especializados no apresamento e comércio de escravos oriundos de seu próprio grupo. Este termo aparece com este sentido em outra passagem desse mesmo relato.

personagem, juntamente com seus irmãos, adquiriu fama a partir do apresamento e da negociação de Guarani com senhores do sudeste da colônia.

A esse respeito, o religioso relata:

Este índio é o afamado Tubarão, o qual não é principal, nem tem gente, mas tem grande fama entre estes por ser feiticeiro e ter três ou quatro irmãos, todos feiticeiros, e todos eles são grandíssimos tiranos e vendedores, e de quem os brancos fazem muito caso, por que estes lhes enchem os navios de peças [...].⁹⁵

Em um determinado momento da missão os padres teriam ido ao encontro deste personagem, que teria se dado em algum local à “cinco ou seis léguas” ao sul do Rio Araranguá, onde este estaria, vindo da localidade onde morava, próximo ao rio Boipitiba – atual rio Mampituba, divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao chegarem ao local estabelecido para o encontro, localizado próximo a uma lagoa, relata o jesuíta terem entrado em uma habitação em cujo interior estavam estendidas três ou quatro redes. Da reunião que tiveram, o relato nos dá certa noção da circunspecção no trato entre as duas partes, com o relatante salientando constantemente o tom de gravidade com o qual o índio Tubarão parecia exigir ser tratado. Testemunha ainda o constante consumo “de sua beberagem”, além de deixar entrever a existência de “tapuias” cativos, os quais o padre sugere que se vendessem “em troco de suas cousas”⁹⁶.

Apesar da proposição da troca, o padre encontra resistência dos Guarani em desfazer-se dos apresados oriundos de outros grupos étnicos. Observa o relatante que preferiam vender um dos seus que algum de outra tribo. Esta resistência pode ser explicada pela carga cultural que teria o conflito e o apresamento de indivíduos não-Guarani, que certamente fariam parte de eventos rituais nos quais a antropofagia se faria presente. Sobre esta prática, Jerónimo Rodrigues relata pormenorizadamente:

No comer da carne humana não há que falar, pois, que póla comer, vendem seus parentes, e são nisso peiores que as mesmas onças; no matar dos tapuias são crudelíssimos. E nos que trazem vivos a suas aldeias neles fazem seus filhos cavaleiros, *scilicet*, um índio grande lhe dá a primeira no toutuço, derribando-o. E isto com muitas festas, e muitas cerimônias. E depois de caído no chão, todos os meninos de seis, 7, 8, 9 anos, às pancadas, com a espada, lhe estão quebrando e machucando a cabeça e tomando nome. O que acabado sarrafam os pobres moços, mártires do diabo, e os escalam desde o pescoço, até as nádegas, com grandíssima crueldade. E dali a um ano, pouco mais ou menos, jejuam todos os dias, não comendo carne, nem peixe, nem pássaros senão alguns legumes, sem cortar o cabelo, o que acabado, com grandes festas e ajuntamentos, enfeitam aos moços, carregam-nos de contas. E fazem seus vinhos. E dali por diante ficam cavaleiros e desobrigados do jejum.⁹⁷

⁹⁵ RODRIGUES, op. cit., p. 222.

⁹⁶ Idem, p. 223.

⁹⁷ Idem, p. 240.

Aqui, associados à antropofagia, observam-se alguns outros aspectos culturais Guarani, como rituais de passagem, uso de objetos ritualísticos, abstinência de determinados alimentos ou práticas gerais, bem como a produção e o consumo de sua bebida tradicional, referida no relato como “seus vinhos”.

Ainda sobre o Tubarão, não obstante a afirmação de que este não tinha um papel de liderança propriamente dita, o padre menciona que “Cristóvão de Aguiar confessa que ele o fez principal e o assentara naquela cadeira, que agora tem, *scilicet*, de ser estimado dos brancos, mas isto por ele ser um grande ladrão de índios pera os brancos”⁹⁸.

Os rios da região, bem como sua foz, são mencionados como importantes pontos de comercialização destes escravos, como se infere da seguinte citação:

O lugar aonde os brancos vão resgatar, são dous rios que estão além da Laguna dos Patos, *scilicet*, Ararunguaba, e Boipitiba. Entrando pois os navios na Laguna, que é boa barra e segura pera qualquer negócio que suceder, mandam logo recado ao Tubarão, ou qualquer de seus irmãos, que são por todos quatro ou cinco.⁹⁹

Sobre as vestimentas, Jerónimo Rodrigues fala que:

[...] andam cobertos com pejeos de coiros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, [...] por causa dos muitos frios, e dos grandissimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-no às costas, e a dianteira descoberta. [...] As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipóias. [...].¹⁰⁰

O documento menciona, ainda, diversos objetos utilizados em distintas ocasiões, como redes de dormir, arcos, flechas, pilões para preparação de alimentos, tacapes usados nos rituais de morte em terreiro, adornos plumários, cuias e cabaças. Entretanto, é instigante a ausência da menção de vasilhas ou qualquer outro objeto de cerâmica – sendo que este é o vestígio mais preponderante nos registros arqueológicos associados aos assentamentos de grupos Guarani.

Durante todo o relato se observa, ainda, o intenso uso de canoas e a familiaridade, por parte daqueles que vão com os religiosos, em manuseá-las.

4.2 ARQUEOLOGIA

As pesquisas arqueológicas na região do litoral do extremo sul catarinense, principalmente no que concerne aos sítios atribuídos à cultura Guarani, se desenvolveram

⁹⁸ Idem, p. 224.

⁹⁹ Idem, p. 242-243.

¹⁰⁰ Idem, p. 229-230.

substancialmente a partir do final da década de 1990, em grande parte no âmbito dos projetos de arqueologia preventiva. Ainda assim, poucos são os estudos que buscaram uma compreensão dos sistemas de assentamento e de interação com o ambiente deste grupo nesta região. Neste sentido, podem-se citar os trabalhos de IPAT/UNESC¹⁰¹ e Lino¹⁰². Assim, acredita-se que o campo para a pesquisa da história pré-colonial regional tem um amplo espaço e uma considerável gama de dados que aguardam serem estudados.

4.2.1 Número e distribuição dos sítios arqueológicos

No território compreendido entre as bacias hidrográficas do rio Urussanga e do rio Mampituba encontram-se diversos vestígios arqueológicos associados aos Guarani.

Quantitativamente, a partir de pesquisa realizada no banco de dados do CNSA – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos –, na bibliografia disponível¹⁰³ e em relatórios de licenciamentos ambientais realizados pelo Setor de Arqueologia do IPAT/UNESC, foram identificados 41 sítios associados à este grupo pré-colonial (tabela 1).

¹⁰¹ IPAT/UNESC. **Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraia**. Criciúma: Unesc, 2000.

¹⁰² Op. cit. 2007; LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina**: aspectos de territorialidade e variabilidade funcional. Erechim, RS: Habilis, 2009.

¹⁰³ LINO; CAMPOS, op. cit.; LINO, op. cit. 2007; CAMPOS, Juliano Bitencourt. **O Uso da Terra e as Ameaças ao Patrimônio Arqueológico na Região Litorânea dos Municípios de Araranguá e Içara, Sul de Santa Catarina**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2010; FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy; KNEIP, Andreas. **Panorama Arqueológico de Santa Catarina**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010.

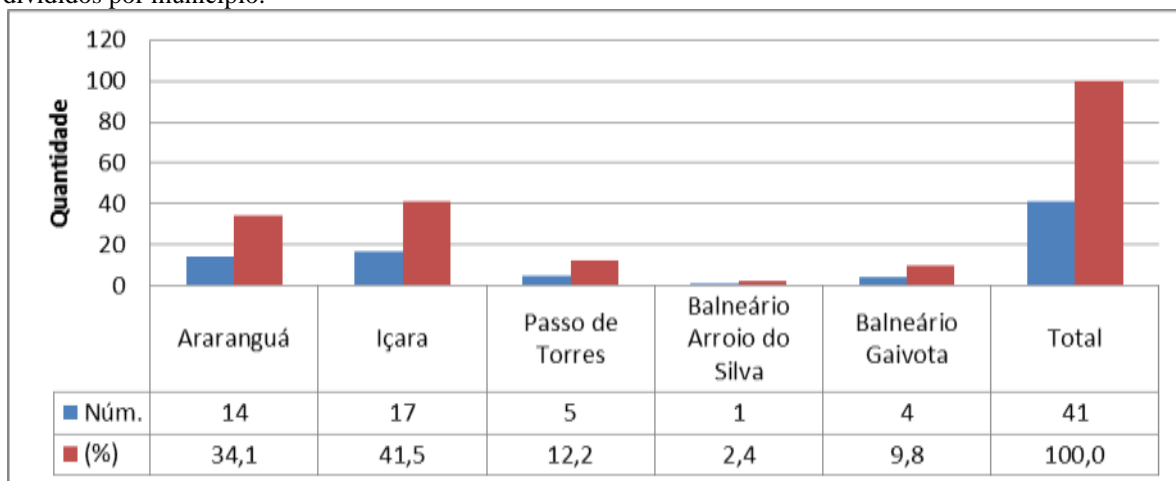
Tabela 1: Lista dos sítios Guarani identificados no extremo sul catarinense.

Número	Sítio	Município
1	Aldeia da Lagoa Mãe Luzia	Araranguá
2	Aldeia da Roça de Melancia	Araranguá
3	Aldeia da Roça de Milho	Araranguá
4	Aldeia do Levandoski	Araranguá
5	Aldeia da Balsa	Araranguá
6	Aldeia da Escola Isolada Caverazinho	Araranguá
7	Aldeia do Marcelino	Araranguá
8	Aldeia do Trevo	Araranguá
9	Campo Mãe Luzia 01	Araranguá
10	Campo Mãe Luzia 02	Araranguá
11	Campo Mãe Luzia 03	Araranguá
12	Campo Mãe luzia 04	Araranguá
13	Sítio Arqueológico Sanga da Toca I	Araranguá
14	Aldeia do Arseno	Içara
15	Aldeia da Escola Isolada Lagoa dos Esteves	Içara
16	Aldeia do Cemitério da Lagoa dos Esteves	Içara
17	Aldeia do Pomar	Içara
18	Aldeia do Camping Silva	Içara
19	Aldeia do Campestre	Içara
20	Aldeia Areal do Mussuline	Içara
21	Aldeia do Mussuline	Içara
22	Aldeia do Luquinha do Zé Pequeno	Içara
23	Aldeia do Camping Viana	Içara
24	Acampamento da Plataforma da Barra Velha	Içara
25	Pedreiras	Içara
26	Urussanga Velha	Içara
27	Lagoa dos Freitas I	Içara
28	Praia do Rincão III / IÇA 003	Içara
29	Aldeia do Camping Vieira / IÇA 007	Içara
30	Praia do Rincão I	Içara
31	Praia do Rincão II	Içara
32	Lagoa de Fora I Lagoa do Rodeio	Balneário Gaivota
33	Lagoa de Fora II	Balneário Gaivota
34	Guarani da Palmeira	Balneário Gaivota
35	Guarani da Figueirinha	Balneário Gaivota
36	Arroio do Silva	Balneário Arroio do Silva
37	Passo de Torres I	Passo de Torres
38	Passo de Torres II	Passo de Torres
39	Passo de Torres III	Passo de Torres
40	Passo de Torres IV	Passo de Torres
41	Passo de Torres V	Passo de Torres

Fonte: do autor.

O gráfico a seguir apresenta os sítios arqueológicos Guarani divididos segundo os municípios em que estão localizados (Gráfico 1).

Gráfico 1: Sítios arqueológicos Guarani identificados entre as bacias dos rios Urussanga e Mampituba, divididos por município.

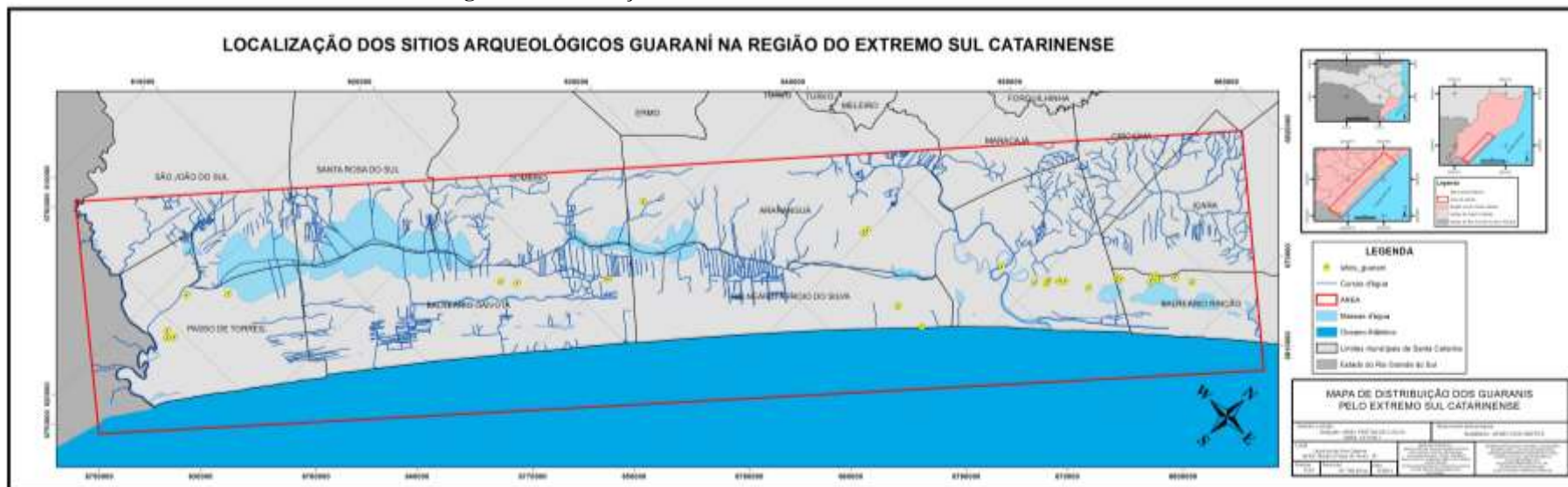


Fonte: O autor.

A maior densidade de sítios Guarani encontrados na área de estudo está localizada no litoral entre os municípios de Içara (atual Rincão) e Araranguá. De partida, esta constatação inicial indica duas hipóteses principais. A primeira sugere que o povoamento Guarani na região se deu de forma mais densa ao redor do cordão lagunar encontrado entre estes dois municípios; já a segunda hipótese evidencia o baixo número de pesquisas mais sistemáticas nas outras áreas, ao contrário do que tem acontecido neste local devido aos trabalhos associados aos projetos de arqueologia preventiva.

Buscando observar sua inserção no território sul catarinense, foi elaborado um mapa com a distribuição espacial dos sítios arqueológicos (a partir das coordenadas geográficas UTM de 27 sítios identificadas na bibliografia pesquisada), utilizando como ferramenta o software ArcGIS (Figura 4).

Figura 4: Distribuição dos sítios Guarani no extremo sul catarinense.



Fonte: IPAT/UNESC.

4.2.2 Características dos Assentamentos

Observando as descrições dos sítios arqueológicos realizadas na bibliografia pesquisada percebe-se que o número de manchas escuras em cada sítio varia, com alguns casos chegando a cinco, preponderando, todavia, aqueles descritos como compostos por apenas uma mancha. Estas manchas escuras evidenciadas no terreno dos sítios arqueológicos podem ser classificadas, consoante Milheira¹⁰⁴, como estruturas de habitação e estruturas anexas, sendo estas últimas caracterizadas pela coloração acinzentada menos intensa que nas estruturas atribuídas à habitação e pelo número relativamente reduzido de materiais cerâmicos e líticos.

Observa-se que, embora boa parte da bibliografia apresente estes sítios como aldeia, faz-se necessário, assim como sugerido por Lino¹⁰⁵, uma revisão de suas características e composição a fim de entendê-los de forma mais clara e, assim, inferir-se a respeito dos processos sociais que os geraram.

Quanto à distância aos recursos hídricos, é notável a relação que há entre os assentamentos e as massas de água que compõem a paisagem regional, podendo-se citar como exemplos mais evidentes as Lagoas Mãe Luzia, do Caverá, dos Esteves, do Rodeio, da Serra e do Sombrio, além do Rio dos Porcos, do Rio Mampituba e do Rio Araranguá.

4.2.3 Cultura Material

Os dados aqui apresentados são oriundos de três sítios, localizados nos municípios de Balneário Rincão – antigo distrito de Içara – (Sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves e Cemitério Lagoa dos Esteves) e Araranguá (Sítio Lagoa Mãe Luzia). Estes sítios passaram por salvamento arqueológico no ano de 1999, como resultado de um trabalho de arqueologia preventiva realizado na região em que estavam inseridos¹⁰⁶, e, posteriormente, fizeram parte da dissertação de mestrado realizada por Lino¹⁰⁷. Portanto, salienta-se que os dados aqui apresentados são oriundos destes dois trabalhos.

Cabe destacar que estes três sítios eram até o momento os únicos associados ao grupo Guarani que haviam sido escavados na região em foco. Entretanto, o Setor de

¹⁰⁴ Op. cit., p. 160.

¹⁰⁵ Op. cit., 2007.

¹⁰⁶ IPAT/UNESC, op. cit.

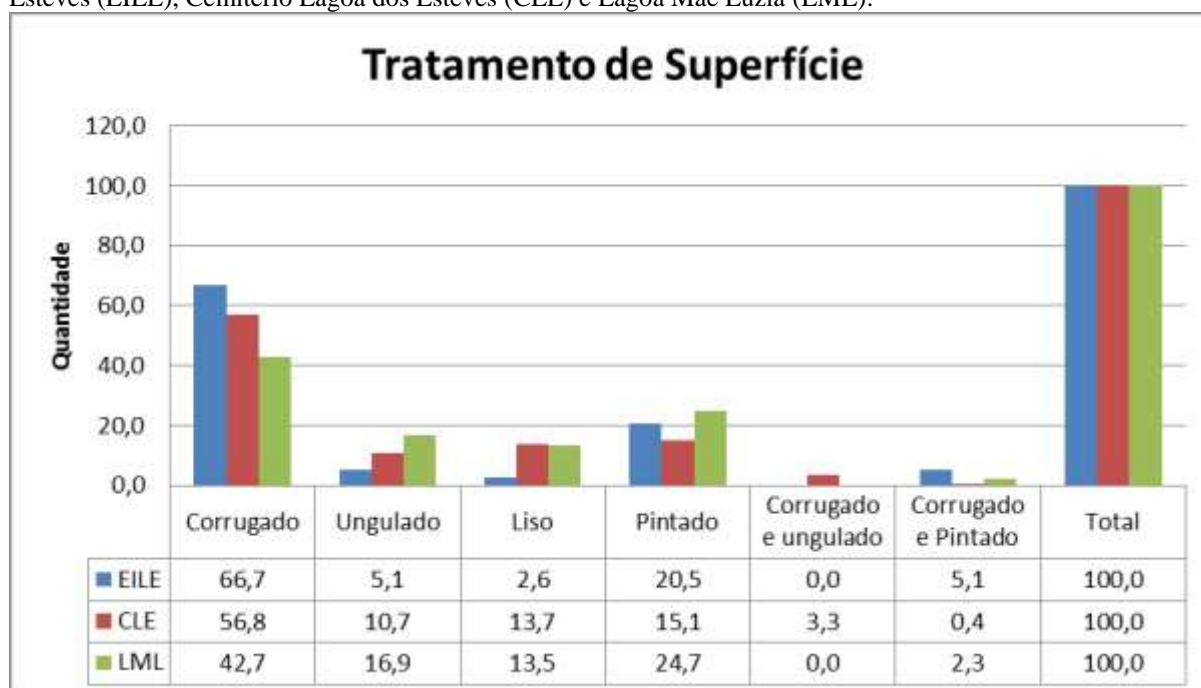
¹⁰⁷ Op. cit., 2007.

Arqueologia da UNESCO está realizando atualmente a escavação dos sítios Campo Mãe Luzia 1 e 2¹⁰⁸.

4.2.3.1 Tratamento de superfície

A identificação do tratamento de superfície dos fragmentos cerâmicos apresenta sua importância na medida em que pode dar informações sobre a possível forma e função do vasilhame do qual fez parte. O tratamento de superfície também dá subsídios para que se diferencie entre os sítios formados a partir de aldeias – com uma maior diversidade de tipos – e acampamentos¹⁰⁹. É este o espaço onde se percebe, ainda, de maneira mais evidente, tanto os padrões coletivos quanto as expressões individuais dos sujeitos (neste caso as oleiras) que o produziram¹¹⁰.

Gráfico 2: Tratamento superficial externo dos fragmentos cerâmicos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).



Fonte: O autor, a partir de dados de IPAT/UNESC, 2000.

Este gráfico apresenta o tratamento da superfície externa das bordas dos vasilhames identificadas nas escavações, sendo 43 bordas na Escola Isolada Lagoa dos

¹⁰⁸ IPAT/UNESC. **Programa de Resgate Arqueológico da Jazida de Areia Eckert Campo Mãe Luzia**. Criciúma: UNESCO, 2013. IPHAN. PORTARIA Nº. 2, DE 18 de janeiro de 2013. Processo n.º 01510.001728/2012-11.

¹⁰⁹ MILHEIRA, op. cit.

¹¹⁰ LA SALVIA; BROCHADO, op. cit.; MILHEIRA, op. cit.

Esteves, 271 no Cemitério Lagoa dos Esteves e 89 na Lagoa Mãe Luzia¹¹¹. A partir da distribuição dos percentuais percebemos que o tratamento corrugado é o que predomina em todos os sítios, seguido, todavia em quantidade consideravelmente menor, pelo pintado. As superfícies unguladas e lisas também estão presentes, corroborando a prescritividade cultural e tecnológica apontada por Noelli¹¹² quanto à confecção da cerâmica Guarani. Embora estes dados apontem para a preponderância de tratamento superficial associado à vasilhas de cunho essencialmente utilitário, é considerável a presença do pintado, podendo inferir-se sobre sua utilização em contextos específicos. Este percentual ainda tem um aumento se a ele somarmos aquelas de acabamento liso.

4.2.3.2 Antiplástico

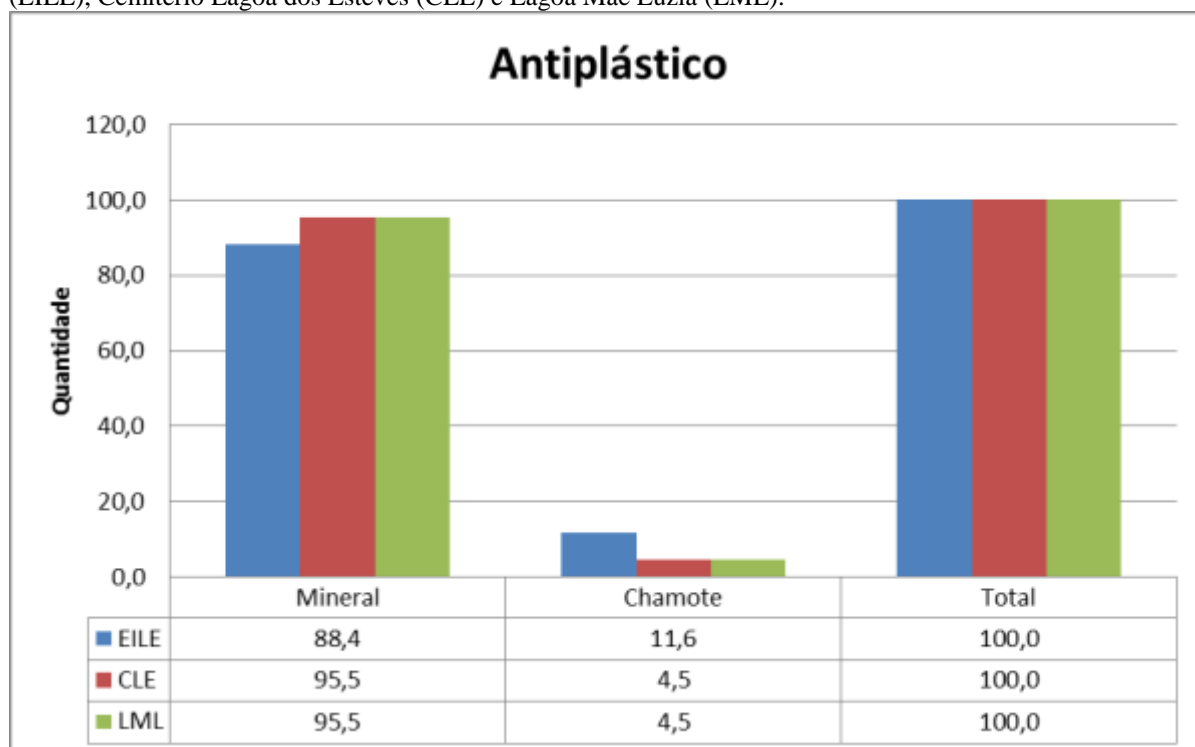
O antiplástico é o elemento não argiloso presente na pasta da argila, podendo ser composto por material orgânico ou inorgânico. Estes podem estar presentes na pasta de forma natural ou serem adicionados intencionalmente, como forma de proporcionar a plasticidade ideal para a confecção do vasilhame pretendido. Quanto à intencionalidade da adição do antiplástico, esta só pode ser identificada com certeza quando se trata da presença de caco de cerâmica moído (chamote) na composição da pasta. Grãos de areia identificados no interior dos fragmentos, por exemplo, podem não ter sido adicionados de forma intencional, mas já estarem presentes no próprio banco argiloso em que a oleira extraiu a matéria-prima. Todavia, há que se considerar, à este respeito, a preferência, durante a etapa da coleta da argila, por locais cuja composição seja a ideal para a manufatura das vasilhas, portanto, certamente a própria presença natural de antiplástico seria considerada pela oleira¹¹³.

¹¹¹ IPAT/UNESC, op. cit.

¹¹² Op. cit., 1999/2000.

¹¹³ LA SALVIA; BROCHADO, op. cit.; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMMANN, op. cit.; MILHEIRA, op. cit.; LINO, op. cit.

Gráfico 3: Antiplástico identificado nos fragmentos cerâmicos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).



Fonte: O autor, a partir de dados de IPAT/UNESC, 2000.

Neste gráfico, também referentes às bordas dos vasilhames, o antiplástico foi dividido entre o chamote (onde há a indicação evidente da intencionalidade da artesã em seu acréscimo) e o de origem mineral. É perceptível a preponderância do elemento mineral na cerâmica de todos os três sítios. Embora não se possa afirmar com certeza se este material foi adicionado de forma proposital ou não, Lino¹¹⁴ aponta para a presença de elementos arenosos misturados à argila disponível nas margens do Rio Araranguá, possível local de obtenção de matéria-prima para a confecção da cerâmica. Todavia, este autor ressalta que somente uma análise físico-química dos bancos argilosos da área onde estes sítios estão inseridos permitiria inferir sobre a origem da matéria-prima utilizada para confeccionar as vasilhas.

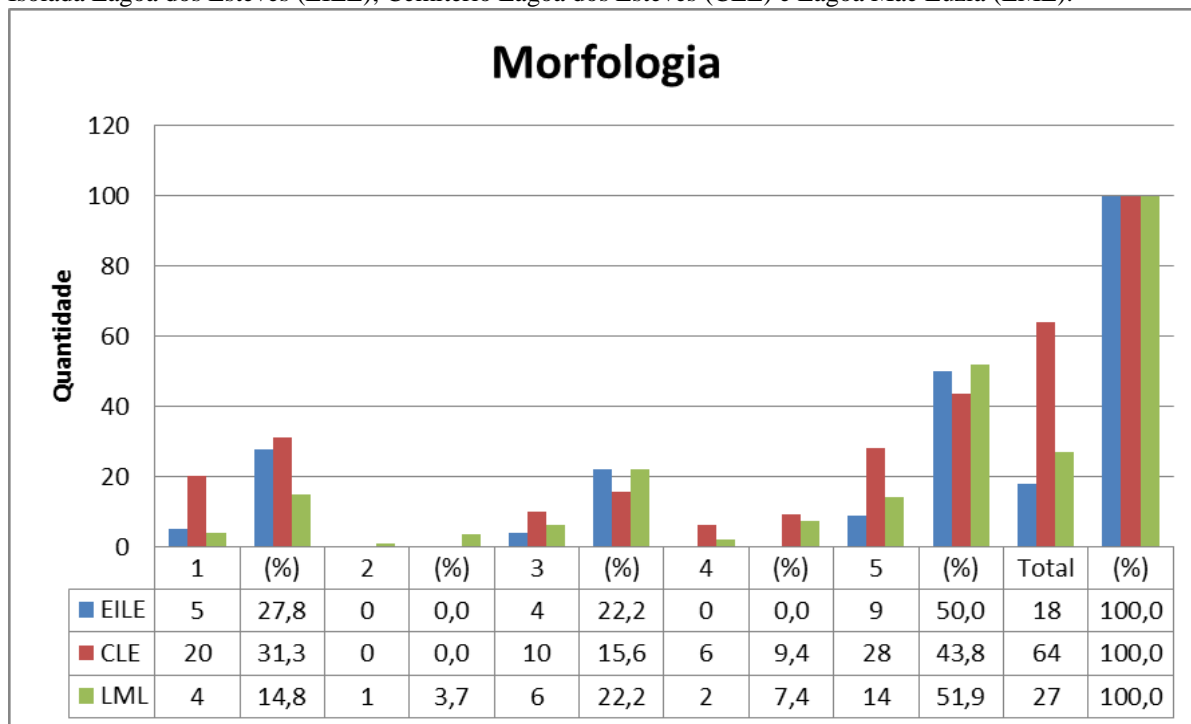
4.2.3.3 Morfologia

A reconstituição dos vasilhames é um passo importante para que se possa inferir a respeito da função do sítio dos quais seu fragmento provém, podendo dar indicações de seu uso como aldeia de caráter mais permanente ou apenas acampamento temporário. Esta

¹¹⁴ Op. cit., 2007.

reconstituição foi realizada por Lino¹¹⁵ a partir da análise dos perfis das bordas identificadas dentro de uma amostragem de fragmentos¹¹⁶ (Gráfico 4).

Gráfico 4: Morfologia cerâmica reconstituída a partir dos fragmentos de bordas oriundos dos sítios Escola Isolada Lagoa dos Esteves (EILE), Cemitério Lagoa dos Esteves (CLE) e Lagoa Mãe Luzia (LML).¹¹⁷



Fonte: O autor, a partir de dados de Lino, 2007.

O gráfico aponta para a preponderância do *yapepó* e do *cambuchí caguabá*, seguidos do *nãetá*. Segundo Lino¹¹⁸ a quantidade de vasilhas associadas ao preparo e ao consumo de alimentos sugere a utilização destes sítios como unidades de habitação. Aponta-se, ainda, a identificação de apenas um exemplar de *cambuchí*, podendo caracterizar tanto a sua produção em pequeno número ou a sua utilização de forma secundária como urna funerária em enterramentos fora da aldeia.

4.2.4 Cronologia

Nos sítios arqueológicos associados aos Guarani identificados na área de pesquisa foram realizadas duas datações, obtidas pelo método de Termoluminescência, a

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Os números da amostragem utilizada são: Escola Isolada Lagoa dos Esteves: 193 fragmentos, sendo 29% constituída de bordas; Cemitério Lagoa dos Esteves: 1790 fragmentos, sendo 9,3% bordas; Lagoa Mãe Luzia: 231 fragmentos, sendo 13,7% bordas.

¹¹⁷ Para melhor visualização, as denominações morfológicas foram substituídas por números, cuja legenda é a seguinte: 1 - Cambuchí Caguabá; 2 - Cambuchí; 3 - Ñaembé; 4 - Ñaetá; 5 - Yapepó.

¹¹⁸ Op. cit.

partir de amostras de cerâmicas e sedimentos oriundas de manchas escuras representativas, provavelmente, de suas habitações, no laboratório de Vidros e Datação da Faculdade de Tecnologia de São Paulo, vinculado à UNESP¹¹⁹ (Tabela 2).

Tabela 2: Datações obtidas para sítios Guarani na área pesquisada.

Sítio	Anos (A.P. ¹²⁰)
Lagoa Mãe Luzia	610 +/- 60
Cemitério Lagoa dos Esteves	720 +/- 70

Fonte: Modificado de IPAT/UNESC, 2000.

4.2.4.1 Cronologia Regional

Ressalta-se que estas datações são tratadas pelos pesquisadores como não sendo 100% confiáveis, devido ao método utilizado para a datação e à profundidade temporal do seu resultado, já que ao aproximarem-se estas datas com o contexto cronológico regional observa-se uma discrepância temporal. Isto pode ser observado na tabela e no mapa seguinte, que ilustram, respectivamente, a cronologia dos sítios Guarani no município de Jaguaruna e ao longo do litoral sul brasileiro.

Tabela 3: Cronologia dos sítios Guarani pesquisados por Milheira, 2010 no município de Jaguaruna.

Sítio	Anos (A.P.)
Morro Bonito 1	520 +/- 50
Morro Bonito 2	510 +/- 40
Morro Bonito 3	440 +/- 40
Sibelco	550 +/- 60
Laranjal 1	440 +/- 40
Arroio Corrente 5	470 +/- 40
Olho D'Água 1	570 +/- 40

Fonte: Milheira, 2010. Modificado.

¹¹⁹ IPAT/UNESC, op. cit., p. 151.

¹²⁰ Antes do Presente, sendo o ano de 1950 convencionalmente referenciado como o “presente”.

Figura 5: Mapa com cronologia de sítios Guarani ao longo do litoral sul brasileiro.



Fonte: Milheira, 2010.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se realizar um levantamento à respeito da ocupação Guarani na região compreendida entre os rios Urussanga e Mampituba e entre o litoral Atlântico e os Aparados da Serra. Buscou-se, desta forma, tanto informações em material bibliográfico que dissertasse sobre os Guarani, em relatórios de licenciamento arqueológico que identificaram sítios associados a estes grupos, bem como em um testemunho etnohistórico de um jesuíta que esteve nesta área ainda no século XVII, observando e relatando alguns aspectos da sua dinâmica social. Neste sentido, acredita-se ter chegado a um mapeamento não somente das informações e potenciais fontes de pesquisa sobre o estabelecimento deste grupo no litoral sul catarinense, mas também sobre a situação das pesquisas acadêmicas que tiveram como foco a compreensão de sua ocupação.

Embora este trabalho tenha focado uma área geográfica específica, sabe-se que a ocupação Guarani no litoral da região se estende além dos rios Mampituba e Urussanga, ocupando áreas ao sul e ao norte da poligonal estudada. Logo, a pesquisa realizada por Milheira¹²¹ em Jaguaruna, onde busca estabelecer o histórico da ocupação e desocupação deste território, contribui de forma fundamental para entender a ocupação Guarani em uma escala territorial mais ampla. Já que este autor, ao aproximar os dados resultantes de sua pesquisa neste município com aqueles obtidos em pesquisas no vale do Rio Araranguá¹²², sugere que se pense a região abrangida pelos vales dos rios Jaguaruna, Urussanga e Araranguá como um espaço onde os Guarani teriam desenvolvido um mesmo sistema sociocultural.

A esta sugestão acrescenta-se que, no que pese a distribuição dos sítios arqueológicos aqui observada, esta ocupação se estendeu até o rio Mampituba, no mínimo. Isto sendo corroborado pelas distâncias sugeridas por Jerónimo Rodrigues em seu relato, podendo-se cogitar que a aldeia ocupada por Tubarão se localizaria próximo à este último rio (o *Boipitiba*).

Seguindo a dinâmica da ocupação espacial presente no universo sociológico Guarani, é possível admitir, ainda, como apontado por Susnik¹²³, que este *Tekohá* litorâneo¹²⁴ estaria inserido em um amplo *Guará*, compreendendo toda a região litorânea catarinense, estendendo-se até Cananéia (SP) ao norte e até o Rio Grande do Sul ao sul.

¹²¹ Op. cit.

¹²² LINO, op. cit. 2007, 2009; IPAT/UNESC, op. cit.

¹²³ Apud BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra:** presença Guarani e Estados Nacionais. Florianópolis: EdUFSC; Chapecó: Argos, 2010.

¹²⁴ MILHEIRA, op. cit.

Ora, partindo da perspectiva segundo a qual a ocupação Guarani foi um processo cultural que abrangeu um amplo território do litoral catarinense, observa-se que o diálogo com pesquisas e dados oriundos de regiões contíguas é fundamental na busca da compreensão desta dinâmica.

Se, assim como já sugerido anteriormente, descartar-se as datações em Termoluminescência dos sítios Lagoa Mãe Luzia e Cemitério Lagoa dos Esteves, e utilizar-se a cronologia obtida para o litoral de Jaguaruna como parâmetro cronológico para pensar a ocupação regional, pode-se inferir que os Guarani estariam chegando a esta região por volta do ano de 1380. Ou seja, sua chegada teria antecedido a do colonizador europeu em no mínimo 150 anos, se tomarmos como referência a chegada em Laguna da esquadra de Jofré de Loaysa, em 1526¹²⁵.

Durante este período os Guarani foram ocupando este espaço e se apropriando das condições e potencialidades ecológicas que aqui encontraram, assimilando as condições ambientais e adaptando-as ao seu modo de vida.

A evidente relação espacial dos sítios arqueológicos em relação às lagoas e rios, fato também relatado por Jerónimo Rodrigues, é um demonstrativo da utilização das massas d'água da região por este grupo. Estes locais, certamente, além de serem fontes de matéria-prima para a confecção de artefatos cerâmicos, forneciam uma variedade faunística para complementação da sua dieta. Destaca-se, ainda, a utilização de canoas, constantemente citadas no relato do jesuíta.

Da fauna e da flora regionais os Guarani poderiam obter alimentos e materiais para a confecção de vestimentas e objetos diversos. A vegetação, além de fornecer frutos comestíveis inseridos na dieta Guarani, deveria ser utilizada ainda na confecção de ferramentas, de variados artefatos, na construção de casas e de canoas, na alimentação de fogueiras, nos corantes para pinturas em cerâmica ou corporal e na utilização como produtos medicinais¹²⁶. A diversidade animal também é considerável, com uma variedade de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, certamente também utilizados na alimentação.

O cultivo agrícola desenvolvia-se sobre os solos arenosos da região, onde cultivavam amendoim, abóboras, milho e mandioca, principalmente. Vegetais estes que ocupavam importante lugar na dieta Guarani. O fato de dividirem seu ano segundo o consumo de alguns vegetais, relatado por Jerónimo Rodrigues, demonstra que estes Guarani observavam os ciclos da natureza em suas escolhas e apropriações dietárias.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ LINO, op. cit., 2007.

A cultura material, além de servir para a identificação dos locais onde os Guarani estabeleceram seus assentamentos, permite demonstrar a continuidade tecnológica em relação aos Guarani de outros lugares. Na análise da amostragem aqui utilizada verifica-se a predominância de tratamento de superfície de cunho prático. Todavia, superfícies com acabamentos mais elaborados também se fazem presentes. Esta divergência quantitativa dos tipos de acabamento sugere que os vasilhames poderiam ter sido utilizados em contextos mais práticos, como acampamentos, por exemplo. Entretanto, há que se ter em conta que os objetos mais elaborados eram utilizados em momentos específicos e menos sujeitos ao desgaste e conseqüente descarte, gerando, desta forma, uma quantidade menor de fragmentos.

A reconstituição da morfologia aponta para a presença em maior número de vasilhas utilizadas no preparo e consumo de alimentos, como *yapepó*, *cambuchí caguabá* e *nãetá*. Isto sugere que os sítios dos quais os materiais arqueológicos foram retirados tenham sido uma unidade de habitação. Da amostragem, chegou-se à reconstituição de apenas um *Cambuchí*, provindo do sítio Lagoa Mãe Luzia. Associando-se sua presença à produção do *cauí*, pode-se inferir sobre a estabilidade deste assentamento no contexto social local. Importante lembrar, também, que a baixa ocorrência desta morfologia pode ser devido à utilização secundária dos vasilhames de porte maior como urnas funerárias. Assim, muitos destes objetos podem estar enterrados fora do assentamento ou em áreas geográficas específicas, dificultando assim sua localização.

O baixo percentual do chamote utilizado na cerâmica pode nos apontar duas possibilidades: ou a preferência pelo elemento mineral como antiplástico ou o conhecimento de bancos de argila com a constituição ideal para a confecção do artefato, o que dispensaria a adição de outro tipo de matéria.

Certamente o Guarani desta região mantinha contatos constantes com outros grupos adjacentes, de forma amistosa ou conflituosa. Embora não se encontre evidências arqueológicas a este respeito, Jerónimo Rodrigues menciona a existência de Tapuias aprisionados na aldeia onde se encontrou com o índio Tubarão e sua resistência em comerciá-los. Considerando-se estes Tapuias como sendo pertencentes ao grupo Jê localizado na encosta da serra (Xokleng), podemos perceber que este contato se dava de forma belicosa, gerada, possivelmente, por disputas territoriais e diferenças étnicas e culturais. Ocorria também o comércio com um grupo localizado ao sul do Mampituba, mencionado pelo missivista jesuíta como sendo os “Arachãs”, sendo notável que estes

habitantes da região litorânea do Rio Grande do Sul são apontados por Soares como um “grupo guaranizado”.¹²⁷

Esta dinâmica cultural e sociológica começa a desintegrar-se com a chegada do colonizador, por volta do início do século XVI. No período de mais ou menos um século o contato com o europeu provocou sua desestabilização social e econômica de forma incisiva. Observando-se o relato de Jerónimo Rodrigues percebe-se que já em 1605 os grupos Guarani que habitavam a região sentiam os efeitos do (des) encontro cultural. A escassez de alimentos é frequentemente mencionada, bem como a quantidade de aldeias de pequenas dimensões compostas por pequenas famílias.

A história demonstra que era grande a procura e o apresamento de guaranis ao sul da colônia com o intuito de levá-los como escravos para o sudeste. Depreende-se da narração de Jerónimo Rodrigues que na região acontecia um intenso comércio de escravos, havendo inclusive a comercialização de guaranis por guaranis, como bem ilustra o caso de Tubarão. Quando este menciona ao padre que iria realizar mais “duas guerras” antes de se juntar à missão, podemos inferir, contextualizando os fatos, que o mesmo se refere à expedições em busca de “peças” que pudesse vender aos colonizadores. Nesta rede de ação, os rios Araranguá (*Ararunguaba*) e Mampituba (*Boipitiba*) são mencionados como ponto estratégico para a realização destas atividades.

Assim como o processo de ocupação, a desocupação – induzida – ocorreu também de forma rápida. A intensificação dos apresamentos, as epidemias e até mesmo o deslocamento de grupos para serem catequizados no sudeste contribui de forma intensa para a repentina diminuição demográfica e aniquilamento deste grupo.

Os Guarani compõem hoje um dos maiores grupos indígenas presentes na América do Sul, com indivíduos vivendo em diversos pontos do Brasil e dos países vizinhos. No caso do extremo sul catarinense os mesmos chegaram por volta do ano 1400 e começaram a desaparecer a partir do século XVII, o que demonstra uma permanência temporal desse grupo de 300 anos de assentamentos em diversos estágios sociais. Hoje, os vestígios arqueológicos na paisagem que evidenciam sua presença constituem-se em um importante patrimônio a ser estudado e preservado no intuito de ensinar sobre seu modo de apropriação das potencialidades regionais, contribuindo de forma decisiva para a construção do conhecimento das atividades humanas desenvolvidas nestes ambientes.

¹²⁷ Op. cit., p. 191

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Dione da Rocha. **Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC – arqueologia e etnicidade**. 2004. 272 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.

BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, p. 17 -35, dez. 2004.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Estrangeiros na própria terra: presença Guarani e Estados Nacionais**. Florianópolis: EdUFSC; Chapecó: Argos, 2010.

BROCHADO, José Proenza. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo**, n. 27, São Paulo, p. 65-82, 1989.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, v. 35, n. 140, p. 727-743, 1990.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história: seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 7-37.

CAMPOS, Juliano Bitencourt. **O Uso da Terra e as Ameaças ao Patrimônio Arqueológico na Região Litorânea dos Municípios de Araranguá e Içara, Sul de Santa Catarina**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2010.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; SANTOS, Marcos César Pereira; ROSA, Rafael Casagrande da; RICKEN, Cláudio; ZOCHE, Jairo José. Arqueologia Entre Rios: do Urussanga ao Mampituba. Registros arqueológicos pré-históricos no extremo sul catarinense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 10, n. 20, p. 9-40, 2013.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e História Indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 349-371, jan/jun 2011.

CHILDE, Vere Gordon. **Introdução à arqueologia**. 2. Ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1977.

CNSA/IPHAN – Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montaPaginaSGPA.do>>. Acesso em: 15 de set. 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Introdução à uma História Indígena. In: _____. **História dos Índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 9-24.

IPAT/UNESC. **Relatório Final do Projeto de Salvamento Arqueológico da Rodovia Interpraias**. Criciúma: Unesc, 2000.

IPAT/UNESC. **Programa de Resgate Arqueológico da Jazida de Areia Eckert Campo Mãe Luzia**. Criciúma: UNESC, 2013.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José Proenza. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LANDA, Beatriz dos Santos. **A mulher guarani: atividades e cultura material**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1995.

LEITE, Serafim. (Org.). **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina**. 2007. 275 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

LINO, Jaisson Teixeira. **Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina: aspectos de territorialidade e variabilidade funcional**. Erechim, RS: Habilis, 2009.

LINO, Jaisson Teixeira; CAMPOS, Juliano Bitencourt. A cruz entre o mar e as lagoas: expedições jesuíticas ao sul do Estado de Santa Catarina no século XVII. **Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 1, p. 31-42, 2003.

LINO, Jaisson Teixeira; CAMPOS, Juliano Bitencourt. Expedições arqueológicas do sul do Estado de Santa Catarina. **Rev. Ciências Humanas**, Criciúma, v. 9, n. 1, p.17-34, 2003.

MILHEIRA, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território**. 2010. 224 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

MILHEIRA, Rafael Guedes; DEBLASIS, Paulo. **O território Guarani no litoral sul catarinense: ocupação e abandono no limiar do período colonial**. *Revista de Arqueologia Americana*, n. 29, p. 147-182, 2013.

MONTEIRO, John Manuel. Os Guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MONTICELI, Gislene. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 2, n. 1, p. 105-115, jan-abr. 2007.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem tekoha não há tekó. Sem terra não há cultura**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1993.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872/2000. **Revista da USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, 1999/2000.

OLIVEIRA, Solange Nunes. **A arqueologia Guarani: construção e desconstrução da identidade indígena.** 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505.** São Paulo: Companhia das letras, 1992.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. **A Nova História.** 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RODRIGUES, Jerónimo. A missão dos carijós – 1605-1607. In: LEITE, Serafim. (Org.). **Novas Cartas Jesuíticas (De Nóbrega a Vieira).** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

SANTOS, Marcos César Pereira. Entre a pré-história e a história: o documento material humano. **Tempos Acadêmicos,** Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, Criciúma, Santa Catarina, n. 11, p. 25-37, 2013.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a Tradição Tupiguarani. Documentos 5. **Pré-História do Rio Grande do Sul.** 2. Ed. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 31-63, 2006.

SOARES, André Luís Ramos. **Guarani: organização social e arqueologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.